

DIOGO LUÍS GOMES RICARDO

**FATORES PREDITORES DA PROCURA DE
SENSAÇÕES SEXUAIS**

Orientador: Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

DIOGO LUÍS GOMES RICARDO

FATORES PREDITORES DA PROCURA DE SENSAÇÕES SEXUAIS

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 16 de Junho de 2016 perante o JÚRI nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 209/2016 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Ana Prioste

Arguente: Professora Doutora Bárbara Nazaré

Orientador: Professor Doutor Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

“O comportamento do Ser Humano em termos sexuais é na maioria das vezes o protótipo para todos os seus modelos de regir ao mundo.”

– Sigmund Freud

“O prazer sexual é um direito legítimo ao Ser Humano”

- Samael Aun Weor

“O prazer sexual é a paixão à qual todas as outras se subordinam mas, também aquela na qual elas se unem”

- Marquis de Sade

Agradecimentos

O espaço limitado desta secção de agradecimentos, não me permite agradecer, devidamente a todas as pessoas que ao longo destes dois anos me ajudaram directa ou indirectamente, no meu mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde. Desta forma, deixo apenas algumas palavras de agradecimento, para que, de forma insignificante tendo em conta toda a ajuda que me foi dada, como forma de agradecimento profundo.

À Fundação Portuguesa para o Estudo, Prevenção e Tratamento da Toxicodependência, em especial ao Doutor António, por me proporcionaram esta possibilidade de realizar o meu estágio académica nesta instituição que certamente em muito contribui para o desenvolvimento das minhas capacidades pessoais e profissionais como psicólogo e como Ser Humano.

Ao Professor Miguel Jorge Ferreira, expresso o meu profundo agradecimento pela orientação e disponibilidade para ajudar que em muito contribuíram para o meu conhecimento científico e o meu desenvolvimento como pessoa e profissional da psicologia.

Às Comunidades digitais, Apoio (PortugalGay.pt) e Tudo vai melhorar e à Instituição ILGA, por desde o meu primeiro contacto se terem mostrado disponíveis para me ajudarem na recolha de dados para a minha investigação.

A todos os professores que ao longo do meu tempo na Universidade, me ensinaram, partilharam ideias e ajudaram a crescer, tanto a nível profissional e pessoal.

Aos meus avós, que sempre me apoiaram emocionalmente como financeiramente em todas as minhas ideias loucas, e fases menos boas da minha vida, servindo sempre de exemplo para todas as decisões que eu possa tomar. Que eu conseguisse dar-vos tanto quanto vocês me deram.

Aos meus amigos, João Santos, Gonçalo Garcia, Joana Rosendo, Margarida Valera por todo o tempo, discussões, stresses e alegrias que partilhamos juntos que vão para sempre estar no meu coração. Que daí venham muitos mais.

E um agradecimento muito especial e pessoal para a minha mãe, que no meio de todos os seus problemas conseguiu sempre dar a volta por cima e manter-se animada quando era preciso animar-me e severa nas tantas vezes que foi preciso chamar-me à razão. A única mulher que eu conheço que consegue ultrapassar tudo o que a vida manda contra ela e continuar a viver sem nunca perder a esperança de que no futuro algo bom irá de aparecer. O meu maior exemplo em todos os campos da minha vida.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo efetuar uma análise estatística para encontrar as variáveis que melhor prevêm o nível de Procura de Sensações Sexuais. Para esta análise foram utilizadas as variáveis, Agressividade, o Desejo Sexual, a Ansiedade Sexual e a Opinião perante a Sexualidade.

Assim, utilizando uma amostra com 244 participantes com diferentes faixas etárias e orientações sexuais, chegou-se à conclusão que no que se refere à Procurar Sensações Sexuais, as Opiniões em relação à Sexualidade (positivamente) e a Ansiedade sexual (negativamente) predizem e correlacionam-se fortemente com a Procura de Sensações Sexuais. Noutras análises é possível verificar que sujeitos com orientações sexuais mais homofílicas deixam a opinião social em relação à sua sexualidade, afetar o seu comportamento sexual. Entre sexos apenas se verifica uma diferença estatisticamente significativa para a Busca de Experiências.

Palavras Chave: Procura de Sensações Sexuais., Agressividade, Desejo Sexual, Ansiedade Sexual, Opinião.

Abstract

This thesis has as objective, a statistical analysis to find which variables better predict Sexual Sensation Seeking. To perform this analysis, were used instinctive the variables Aggression, Sexual Desire, Sexual Anxiety and Opinion towards Sexuality.

Therefore, using a sample of 244 subjects, with different ages and sexual orientations, it's possible to conclude that, in regards of the sexual sensation seeking, the Opinion towards Sexuality (positively) and Sexual Anxiety (negatively) predict an correlate strongly with Sexual Sensation Seeking. In other analysis it's possible to verify that subjects with most homophilic sexualities let social opinion towards their sexuality affect their sexual behaviour. In regards of sex differences there are only statistical significant ones in the variable "Search for New Experiences".

Keywords: Rationality, Instinct, Aggression, Sexual Desire, Sexual Anxiety, Opinion, Sexual Sensation Seeking.

Índice Geral

Introdução.....	10
CAPÍTULO I – Fundamentação Teórica e Legitimação.....	14
Parte 1 - Fundamentação Teórica.....	14
1.1 Terias da Sexualidade	14
1.2 Conceitos Psicossociais Básicos	16
1.3 Procura de Sensações Sexuais	18
1.4 Opinião Em Relação à Sexualidade	21
1.5 Ansiedade Sexual	23
1.6 Desejo Sexual	25
1.7 Agressividade	27
1.8 Procura de Sensações	30
Parte 2 – Legitimação.....	33
CAPÍTULO II - Metodologia e Resultados.....	37
Parte 3 - Metodologia.....	37
3.1 Amostra.....	37
3.2 Procedimento.....	39
3.3 Medidas.....	40
Parte 4 - Resultados.....	42
CAPÍTULO III – Discussão	49
Conclusão.....	56
Referências Bibliográficas.....	59
Anexos.....	I
Anexo I – Questionário de dados Demográficos	II
Anexo II – Escala de Procura de Sensações	V
Anexo III – Questionário de Agressividade	XII
Anexo IV – Questionário de Opinião Em Relação Sex.....	XVIII

Anexo V – Índice de Desejo Sexual de Hubert	XX
Anexo VI – Inventário de Ansiedade Sexual	XIV
Anexo VII – Questionário Procura de Sensações Sexuais .	XXVIII

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Tabela Descritiva da Amostra por Sexos e Idades.....	37
Tabela 2 – Tabela Descritiva do Estado Civil Consoante o Sexo.....	37
Tabela 3 – Tabela Descritiva da Orientação Sexual Consoante o Sexo.....	38
Tabela 4 – Tabela de Comparação de médias das variáveis “à vontade” consoante se...	39
Tabela 5 - Tabela de Resultados de Regressão Linear para P. Sensações Sexuais.....	43
Tabela 6 – Tabela de Correlação de Todas as Variáveis.....	44
Tabela 7 – Tabela de Correlações de Orientação Sexual e Variáveis de “à Vontade”	45
Tabela 8 - Tabela de Comparação de Médias entre Sexos.....	47

Introdução

O comportamento sexual é um dos maiores influentes no comportamento humano e desde muito cedo afetou a evolução do Ser Humano e a sua relação intra e inter espécies.

Segundo a teoria Neo-Darwinista, a seleção sexual é um comportamento evolutivo muito importante na passagem dos genes de geração em geração. O macho ou a fêmea (na maioria das espécies é a fêmea) irá escolher um ou mais parceiros sexuais com as melhores características para passar aos seus descendentes (Darwin, 2012). Com o crescimento desta ideia dentro da comunidade científica, a psicologia “aproveitou-a” para estudar a seleção de parceiro, a competição sexual e os hábitos sexuais do Ser Humano numa perspetiva comportamental e psicológica (Buss, 2010).

Assim chegou-se a uma ciência muito recente a Psicologia Evolutiva, que consegue explicar com bases psicológicas e neuropsicológicas os comportamentos sexuais humanos com uma base teórica estável nunca conseguida anteriormente. Segundo a Psicologia Evolutiva o que se procura num parceiro sexual hoje em dia, ainda é comparável, em muito, ao que os nossos antepassados evolutivos (Homo Sapiens) procuravam nos/as seus/suas parceiros/as (Buss, 2010).

No caso das mulheres a procura de parceiros grandes e corpulentos (maioritariamente com o chamado “tronco em V”), de um estatuto social elevado e com capacidades para as proteger são características muito desejadas em parceiros sexuais enquanto que no caso das mulheres com características físicas que demonstram capacidade de gerar filhos, o estatuto social e a capacidade de criar e educar crianças são as características mais desejadas nas parceiras (Buss, 2010).

Em suma, todas as características que os antepassados evolutivos procuravam nos parceiros. As fêmeas por terem tarefas mais de Coleta de comida e alimentação desejavam um parceiro que lhes pudesse garantir estabilidade e proteger e os machos que passavam grande parte do tempo a caçar e fora da protecção e estabilidade de casa, procuravam uma fêmea que pudesse dar estabilidade a si e à sua prole (Hartfield & Keightley, 2012)

Pode-se assim afirmar que em termos evolutivos a escolha de parceiro/a sexual está muito relacionada à Auto preservação e à preservação e continuidade da espécie (Darwin, 2012).

Mas, como é notável, esta é uma visão muito redutiva e instintiva da sexualidade. Se toda a selecção funcionasse desta maneira, apenas uma pequena percentagem da população mundial teria parceiros sexuais (Buss, 2010). Assim a psicologia como ciência humana tem de entender os componentes mais profundos da sexualidade. Porque é que há pessoas que

escolhem um tipo de parceiros e outras, outro? Porque é que há sujeitos que têm uns comportamentos sexuais e outros não? Porque é que existem pessoas com desejos e hábitos sexuais muito mais elevados e frequentes que outras (Damásio, 2010)?

O Ser Humano é um Ser muito complexo e assim o estudo da sexualidade em termos evolutivos (apesar de apresentar as bases que nos ajudam a perceber o nosso desenvolvimento como indivíduos e como espécie) não explicam o nosso funcionamento psíquico e comportamental em toda a sua complexidade (Damásio, 2010).

Com uma evolução como espécie focada no desenvolvimento da capacidade cerebral e da energia despendida pelo organismo nesse funcionamento, através da capacidade de criação de ligações neuronais mais complexas (Almeida, 2011). Assim, o Ser Humano criou a capacidade de pensamento abstrato, de autocontrolo e de introspeção que lhe permite hoje em dia, racionalizar e comportamentalizar os comportamentos evolutivos de uma forma menos instintiva e de acordo com as necessidades com a espécie, mas com maior foco na cognição e de acordo com as necessidades individuais (Damásio, 2010).

Esta complexidade de ligações neuronais, representou ainda uma mudança de paradigma no que diz respeito à interação do sujeito com o ambiente à sua volta e com as suas experiências de vida, desenvolvendo uma relação complicada e instável entre o comportamento instintivo e a evoluída capacidade de cognição do Ser Humano (Siksu, 2008).

Esta relação entre instinto e cognição levou à complexação de comportamentos instintivos no Ser Humano, permitindo à espécie Humana ter uma visão para além a necessidade evolutiva a espécie perante comportamentos como a procura de alimentos, a procura de parceiros sexuais ou até a organização social (Damásio, 2010).

Esta “nova” visão que separa o Ser Humano da maioria das outras espécies animais do planeta, faz com que ciências como a Psicologia, tenham de estender a sua análise ao Ser Humano a um ponto que não estuda os comportamentos instintivos o Ser Humano só por si, mas com a sua relação com as suas experiências de vida, opiniões e até características específicas a sua gene e desenvolvimento psicossocial (Jifing, 2002).

Apesar do paradigma social ser, de que há poucos mais de 3000 anos que o Ser Humano começou a apresentar esta capacidade de autoconceito e auto-questionamento, a verdade é que desde os nossos antepassados, como o homem Neandertal, que esta capacidade se denota. O que nos permite concluir que todas as evoluções e significativas criações

humanas não foram baseadas no instinto, mas sim na relação do Ser Humano com o mesmo (Urbillos, Paez & González, 2000).

Já no Homem Neandertal, antes da sua extinção em prol do desenvolvimento do Homo Sapiens, já se notava um auto-conceito muito para além do simples comportamento evolutivo (Urbillos, Paez & González, 2000). A organização diferenciando as características de cada sexo, o desenvolvimento de uma cultura monogâmica (numa espécie que inicialmente não o era) ou até o desenvolvimento do conceito da vergonha sexual, são óbvias provas da capacidade do Ser Humano de relacionar o acto sexual e a procura do mesmo, com a organização de uma comunidade ou sociedade (Darwin, 2012).

Presentemente, esta complexidade neurológica, e por consequência comportamental, humana, denota-se na inúmera e quase infinita quantidade de respostas emocionais e comportamentais do Ser Humano que se estendem a uma existência individual muito forte dos membros da espécie humana (Damasio, 2010).

Ao evoluirmos como seres racionais, as nossas experiências de vida e a forma como lidamos com elas vão entrar em confronto com a nossa programação instintiva, podendo muitas vezes originar problemas psíquicos que vão impedir o Ser Humano de viver uma vida saudável, que simplesmente vivendo por instinto seria impossível (Abreu, 2008).

Um espécimen Humano consegue assim, ao contrário da maioria dos outros animais, questionar o porquê de estar a agir de certa forma e mais tarde conseguir controlar alguns impulsos instintivos como respostas automáticas (Jifeng, 2002).

Isto não significa que o Ser Humano perdeu a ligação com os seus comportamentos mais instintivos como a procura de sensações sexuais, mas significa sim que, cada pessoa vai ter uma reacção diferente aos estímulos que activam as suas respostas de sobrevivência tanto da espécie como do próprio (Buss, 2010).

Mas, apesar de esta capacidade de individualização dos comportamentos de sobrevivência da espécie parecer contra-evolutiva, não o é. Só porque o indivíduo Humano tem a capacidade de expressar uma extensa diversificação de comportamentos perante a mesma necessidade evolutiva, esta necessidade continua a existir, e assim é possível, estudar padrões de comportamento do Ser Humano. (Damasio, 2010).

Nesse sentido é assim possível entender como o cérebro humano evoluiu e como hoje em dia se comporta e responde perante necessidades, estímulos e respostas instintivas (Buss, 2010).

Em termos de sexualidade, sendo este o tema principal desta tese, este comportamento evolutivo do Ser Humano, hoje em dia pode ser estudado através da forma como se relaciona com todos os outros factores psicológicos, sociais, evolutivos e individuais de cada indivíduo (Abreu, 2008).

Para conseguir entender a sexualidade humana, um dos principais factores a estudar terá sempre de ser a procura de sensações sexuais. A percepção e compreensão da quantidade de vezes que alguém procura sensações sexuais, a forma como as procura e com quem as procura vão permitir aos psicólogos entender como o ser Humano no geral lida com a sua necessidade instintiva de ter sexo (Teva; Bermúdez & Buela-Casal, 2014).

A compreensão deste constructo no comportamento Humano e na sua convivência consigo mesmo e com os outros vai ajudar a psicologia a criar perfis de comportamento. Estes perfis permitiram melhores métodos de tratamentos para patologias relacionadas com o comportamento sexual, entre o desenvolvimento das diferentes orientações sexuais e prever a forma como estes comportamentos vão afetar a vida do indivíduo e da sociedade, assim permitindo que se tomem acções preventivas a tempo (Hunsley & Lee, 2010).

O nível de Procura de Sensações será vista, então, como a manifestação comportamental da aglomeração e interação da maioria das variáveis relacionadas com a sexualidade humana (Teva; Bermúdez & Buela-Casal, 2014). Assim, ao avaliar que variáveis aumentam e diminuem a Procura de Sensações Sexuais mais fortemente, os resultados irão criar uma imagem de que processos internos o Ser Humano passa quando no momento da procura de atingir o prazer sexual (Flanders, Arawaka & Cardozo, 2013).

Concluindo, esta tese propõe-se a estudar que outros constructos psíquicos e características do Ser Humano mais influenciam a Procura de Sensações Sexuais que é a manifestação mais exata da relação individual com a sexualidade.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E LEGITIMAÇÃO

1. Fundamentação Teórica

Depois de uma explicação muito básica dos princípios evolutivos da sexualidade e procura de parceiro, como é óbvio, não se pode começar a discutir a sexualidade sem falar das ideias psicanalíticas de Freud. Este, pode não ter sido o primeiro a estudar a sexualidade e os seus componentes psíquicos, mas foi quem ênfase deu a estas. Quando apresentou a sua ideia das pulsões e contra pulsões, as suas teorias foram muito contestadas pelas ideias de sexualidade infantil e recalcamiento (Autiquet, 2003).

1.1. Teorias da Sexualidade

Segundo Freud, o nosso comportamento seria controlado pela Líbido, que seria a energia psíquica baseada nos desejos sexuais levando a que os nossos desejos e experiências sexuais ao longo da vida seriam os maiores influentes dos nossos comportamentos (Autiquet, 2003).

Freud apresentou assim a pulsão sexual é muito mais que o instinto sexual (explicado pela Psicologia Evolutiva). A pulsão sexual funcionaria então como regulador de todo o comportamento humano, pensamentos, desejos, comportamentos, entre outros (Netto & Cardozo, 2012).

Assim a teoria Freudiana afirma que os nossos comportamentos e desejos sexuais se começam a desenvolver logo em criança através da resolução do complexo de Édipo e do recalque de desejos e sedução vivenciadas durante o crescimento (Autiquet, 2003). Seguindo estas ideias temos de acreditar que pulsões funcionam como manifestações do nosso subconsciente repleto de desejos e traumas sexuais desenvolvidos na nossa infância com os quais o nosso aparelho psíquico está a tentar lidar e dar algum sentido (Netto & Cardozo, 2012).

Como é visível nos últimos trabalhos de Freud, a pulsão sexual serviria como equilibradora do Ego (Autiquet, 2003). Visto que todo o nosso aparelho psíquico é influenciado pelo investimento libinal, a pulsão sexual viria dar alguma ordem e explicação aos desejos inconscientes sentidos pelos sujeitos. Esta pulsão será assim como que um “limite entre o psíquico e o somático” e será como que o representante do aparelho psíquico interno na sua comunicação com o corpo físico (Netto & Cardozo, 2012).

Toda esta ligação é, porém, originada de forma inconsciente e sem qualquer controlo ou percepção pelo sujeito, criando a ligação entre a sexualidade adulta (cheia de sentido e desejo) e o corpo psíquico-infantil (cheio de dúvidas e medos) (Braunstein & Pewzner, 2003).

Assim, a má resolução da sedução e complexo de Édipo tal como de outras vivências sexuais infantis, vão levar ao desenvolvimento de patologias que podem ir do ligeiro ao grave nos sujeitos. A incapacidade de lidar ou racionalizar os desejos sexuais impostos pela libido, é o mesmo que uma incapacidade de lidar com as experiências passadas e com o próprio sujeito, levando depois a visões descaracterizadas e patológicas do mundo dos outros e do próprio (Autiquet, 2003).

Jung, um aluno da escola Freudiana mais tarde apresentou a ideia de que nem todo o comportamento não é influenciado pela libido ou por recalcamientos durante a fase do desenvolvimento sexual, afirmando que as patologias são desenvolvidas não por uma errada interpretação do mundo por parte do sujeito mas por uma má tradução da informação recebida (ou seja o sujeito interpretaria bem o mundo e o seu psíquico é que o traduziria e daria sentido de forma errada). Assim Jung retirou a importância da sexualidade e das suas pulsões na vida do sujeito, transferindo-a para apenas as áreas relacionadas mesmo com a sexualidade (Brennan, 2003).

Hoje em dia muitos psicanalistas (não-puristas), seguem um misto destas duas ideias, sendo aceite que a sexualidade infantil tem um papel influente em todo o comportamento do Ser-Humano e nas suas patologias mas poderá não ser o único influente. É credível que muitas patologias sejam desenvolvidas apenas em adulto e com traumas recentes, não relacionados com experiências no desenvolvimento sexual infantil (Spadone, 2007).

Uma outra teoria que deve ser apresentada sobre a sexualidade à teoria cognitivo-comportamental. Esta sendo uma teoria muito mais recente (desenvolvida nas bases de estímulos de Pavlov e Skinner), está muito mais virada para o tratamento e menos para a compreensão (como é a teoria psicanalítica) (Domjan, 2010). Esta teoria apresenta-se numa visão muito mais médica e explica o desenvolvimento de patologias sexuais através da comportamentalização não saudável de emoções com as quais o sujeito não consegue lidar ou como a incapacidade de lidar com comportamentos sexuais os quais presenciou ou vivenciou (Westbrook, Kennerly & Kirk, 2001).

Esta visão torna-se assim mais simplista mas mais prática. Comparando com a visão psicanalítica de Freud ou mesmo de Jung, os psicólogos cognitivo comportamentais, tentam perceber através das experiências do sujeito o que levou a perturbação sexual e depois

tentaram tratá-la através de uma combinação de terapias comportamentais e/ou emocionais (Domjan, 2010).

Existem muitas ordens teológicas que propõe várias formas de estudar a sexualidade mas, o paradigma da ideia de sexualidade tem indo a mudar ao longo dos anos (Brennan, 2003). Durante décadas a comunidade científica achou que a homossexualidade seria uma patologia, e ainda antes disso os/as homossexuais eram considerados parasitas sociais que não deviam de existir (Mithcel, Howarth, Kotecha & Creegan, 2008).

1.2. Conceitos Psicossexuais Básicos

Com o desenvolvimento da visão científica e social, a visão da sexualidade hoje em dia estendeu-se de uma forma que não podemos falar dela sem perceber os conceitos de Sexo, Género, Identidade de Género e Orientação Sexual (World Health Organization, 2006).

O conceito de sexo é bastante simples de entender, tendo a ver com o aparelho reprodutivo com que um sujeito nasce, ou seja, se é masculino ou feminino (World Health Organization, 2006). Há casos em que se nasce com os dois aparelhos reprodutivos, devido a problemas na formação do sistema reprodutivo durante a gravidez. Em termos psíquicos é aconselhável que durante o seu crescimento o sujeito escolha um dos sexos para evitar conflitos internos do Ego que possam levar a patologias graves na vida adulta (American Psychology Association, 2011).

O Género é avaliado através dos comportamentos, sentimentos e atitudes do sujeito perante a sexualidade. Em muitas culturas o género está ligado ao sexo e por isso existem o que se chama a normativa de género (Warnick, Chase & Aggleton, 2004). Mas, em termos científicos, reconhece-se que apesar de haver influência do sexo no género, não é fator decisivo, sendo o crescimento e identificação com figuras paternas ou de outra Natureza que influenciam em muito o Género de alguém (Reich, 1974).

A identidade de Género tem a ver com a identificação com os papéis de género que são atribuídos ao seu sexo ou não (em termos culturais). Um sujeito pode ser masculino e ter comportamentos associados culturalmente ao sexo feminino, mas continuar a identificar-se como uma identidade masculina, por outro lado um outro sujeito pode ser masculino e ter comportamentos associados culturalmente ao sexo masculino, mas identificar-se como de género feminino (Pietromonaco & Barret, 2000). Os tipos de comportamentos que muitas vezes ajudam a definir o género de alguém (mesmo por parte do próprio) podem ser a maneira de se vestir a maneira de se comportar, entre outros. A identidade de Género é algo muito

pessoal para cada sujeito e tem causas e consequências pessoais muito diversificadas (Pietromonaco & Barret, 2000).

A Orientação Sexual está muito ligada ao sexo dos parceiros sexuais de escolha de cada um. A orientação sexual é popularmente vista como algo estático, ou se é homossexual (atração sexual por parceiros do mesmo sexo) heterossexual (atração sexual por parceiros de sexos diferentes) ou bissexual (atração sexual por ambos os sexos) (Warnick, Chase & Aggleton, 2004). Mas a psicologia já provou que não é assim que funciona. A orientação sexual é muito volátil e alterável ao longo do tempo (Campbell, 2001). A atração sexual define a orientação, mas esta não deve ser vista como uma característica fechada e imóvel ao longo do tempo. Essa visão catedrática foi muito afetada pela obnubilação que a igreja católica ao longo durante os seus períodos de poder na história (Warnick, Chase & Aggleton, 2004).

Contemporaneamente sabe-se que a orientação sexual vai muito para além do parceiro sexual escolhido e demonstra uma maior abertura ou prazer pela exploração da própria sexualidade muito mais do que uma característica imutável que define uma pessoa ou a sua personalidade (Warnick, Chase & Aggleton, 2004).

A definição da Orientação Sexual ainda hoje cria muito debate social e apesar de esta já ter evoluído de ser considerada uma patologia sexual, a sociedade, ainda hoje, descrimina algumas orientações sexuais consideradas menos Naturais (Warnick, Chase & Aggleton, 2004).

Esta discriminação leva a uma correlação negativa entre a Orientação Sexual e o à Vontade Sexual. Sujeitos heterossexuais, normalmente sentem-se mais à vontade com a sua sexualidade em falar desse tema em pública que sujeitos homossexuais ou bissexuais (Hatutale, Isaacs, Kuskokosha, Oosthuizen, Shiimi, Teega & Steinitz, 2007).

Isto acontece pois mesmo que, individualmente, o sujeito se sinta confortável com a sua orientação sexual, sente que a o mundo em seu redor o castiga pela sua identidade sexual. Desta forma o sujeito ai ter uma resposta emocional natural de rejeição ao estímulo externo que interpreta como um castigo e que lhe causa emoções negativas perante a sua própria existência (Hatutale et al., 2007).

Em Portugal, apesar de ser um dos países mais pro-gays da Europa, ainda existem definições de papéis de género muito fortes (Mithcel etl. Al, 2008). Desta forma, os homens normalmente sentem-se menos à vontade em relação à sua orientação sexual quando são homossexuais que as mulheres. As mulheres sentem-se menos à vontade em relação ao tema

da sexualidade em geral e os homens e mulheres heterossexuais sentem-se mais à vontade em relação aos seus hábitos sexuais que os homossexuais (Etizoni & Baris, 2005).

Isto acontece por causa da imagem sexual esperada, criada socialmente para cada sexo, criando uma expectativa social e individual perante cada sujeito, que pode não ser bem lida pelo sujeito (Etizoni & Baris, 2005). Esta incapacidade pode muitas vezes levar ao desenvolvimento de patologias sexuais (Scharfetter, 2005).

As patologias sexuais estão muitas vezes relacionadas com problemas na resolução destes constructos psíquicos. Uma não compreensão de qualquer uma destas definições vai criar emoções no sujeito que este não vai saber resolver o que vai levar a uma vivência da sexualidade e do ato sexual disfuncional e não saudável que o sujeito não vai saber lidar (Scharfetter, 2005).

De uma forma geral pode-se concluir que a sexualidade é um constructo Natural no Ser Humano, influenciado tanto pelo comportamento hormonal do organismo como do comportamental psíquico tornando-o muito complexo. Vai afetar o seu desenvolvimento e qualquer constructo psíquico na vida podendo este ser a causa ou a consequência das vivências do Ser Humano ao longo de toda a sua vida (Hatutale et al., 2007).

1.3. Procura de Sensações Sexuais

Sendo verdade tudo que já foi referido anteriormente, não se pode negar que a procura de sensações sexuais será um comportamento constantemente presente na vida dos Seres Humanos. Apesar disso este constructo só começou a ser nomeado como tal muito recentemente (mais ou menos a partir dos anos 90), sendo também a partir daí que este começou a ser estudado (Schweitzer, 2001).

A procura de sensações sexuais torna-se assim algo que se desenvolve tão naturalmente no Ser Humano, como a sua própria sexualidade (Schweitzer, 2001).

À medida que um sujeito vai explorando e “alargando” as suas ideias sobre a sexualidade, estes vão começar a desenvolver uma necessidade por realizar atos que levem ao prazer sexual (Schweitzer, 2001).

Segundo Freud, esta procura de sensações sexuais começa a ser desenvolvida logo na infância, mas para perceber a ideia deste sobre o tema, há que entender a sua divisão sobre o desenvolvimento Psicosexual. Segundo Freud este desenvolvimento está dividido em cinco fases, a oral, a anal, a fálica, a de latência e a genital (Autiquet, 2003).

A fase Oral é a primeira ligação do bebé com o prazer (primeiros 18 meses de vida) no qual associa o prazer à amamentação e à exploração do ambiente através da interação oral com este. De seguida dá-se a fase anal (entre 18 meses e 3 anos), na qual o bebé retira prazer da retenção ou da libertação de fezes (Autiquet, 2003).

A fase fálica (entre o terceiro o sexto ano de vida) começará quando a criança começa a desenvolver um interesse sexual pelo progenitor do sexo oposto e a confrontação com a impossibilidade deste interesse acontecer vai levar à fase de latência (entre seis anos e puberdade). Na fase de Latência o sujeito “desliga-se” dos seus interesses sexuais, pois sentiam que estes eram inatingíveis e assim despende mais energia psíquica na escola, aprendizagem, desenvolvimento de amizades, entre outras coisas (Autiquet, 2003).

Mais tarde durante a puberdade dar-se-á a última fase do desenvolvimento psicosssexual, a fase genital. Será então nesta fase que com o aumento das ações hormonais no organismo, que os sujeitos começaram a demonstrar comportamentos sexualmente mais agressivos e ativos (Schweitzer, 2001).

Assim, pode-se dizer que a boa ou má resolução dos conflitos sexuais na maturação Psíquica e Psicosssexual, começa a desenvolver-se na influenciar e durará até à puberdade, tendo como consequência futura a forma de procurar sensações sexuais de cada um, na fase adulta (Gullete & Lyons, 2005).

A manifestação da procura de sensações sexuais vai então ser influenciada por diferentes variáveis ao longo da vida de um sujeito (Voisin, King, Schneider, DiClemente & Tan, 2012).

Aprendizagens como, onde o sujeito acha que consegue retirar mais prazer, como o consegue atingir mais rápido e fantasias sexuais são muito relevantes na procura de prazer sexual (Hassan, 2014). Se uma pessoa tiver ficado com um conflito psíquico mal resolvido numa fase da sexualidade infantil, a sua procura de sensações sexuais irá ser afetada por essa má resolução do seu desenvolvimento (Voisin, King, Schneider, DiClemente & Tan, 2012). Tanto boas como más resoluções das fases de desenvolvimento psicosssexual irão ter influência na procura de sensações sexuais (Hassan, 2014).

A quantidade de vezes que o sujeito procura sensações sexuais irá estar posteriormente ligada com a capacidade que o próprio tem de retirar prazer de outras situações não sexuais. Um sujeito que consiga procurar sensações noutras situações da sua vida irá procurar com menos assertividade e excessividade atos sexuais baseados apenas na busca do prazer sexual (Roberti, 2004).

Esta busca do prazer sexual, não se refere meramente à procura do ato sexual. Na Procura de Sensações Sexuais, o sujeito tem simplesmente como objetivo, para além de atingir o orgasmo, o prazer tântrico, ou a simples realização de fantasias relacionadas com o sexo (Roberti, 2004).

Na Procura de Sensações Sexuais, os sujeitos vão definir o caminho para atingir o prazer sexual, acedendo inconscientemente às suas experiências passadas de vida e de quais destas sentiram maior prazer. Assim, na procura de Sensações sexuais e na forma de atingir esse prazer que lhes é associado, é possível perceber muito da maneira como cada um vivência a sexualidade, a sua identidade sexual e como cada um se relaciona e equilibra a sua sexualidade e desejos sexuais, com uma vivência saudável em sociedade (Voisin et al., 2012).

Apesar disso, muitos sujeitos não conseguem equilibrar o seu nível de procura de Sensações sexuais com uma vivência saudável em sociedade, o que leva, muitas vezes, à criação de patologias sexuais (Spadone, 2007).

A Masturbação pública, o *flashing*, e o voyerismo são exemplos de incapacidade de controlar a procura de Sensações Sexuais. Nestes casos, os sujeitos não conseguem controlar a sua necessidade de atingir o prazer sexual, quebrando assim as regras sociais e tornando a vivência em comunidade incongruente com os seus comportamentos sexuais (Spadone, 2007).

Os exemplos anteriores impedem uma vivência saudável por parte dos sujeitos, e fazem com que estes sejam postos de parte pelo resto das comunidades, mas podem ser controlados muitas vezes com ajuda psicológica e psiquiátrica (Gaither & Sellbom, 2003).

Em casos mais graves a Procura de Sensações exagerada pode levar a comportamentos de perseguição/*Stalking* (de parceiros/as desejados/as), à violação ou à pedofilia. Este tipo de patologias sexuais é muito complicado de tratar e controlar, pois os utentes só conseguem atingir o prazer sexual com comportamentos criminosos perante outras pessoas (Spadone, 2007).

Hoje em dia ainda existe muita discussão sobre como tentar tratar estas patologias sexuais, mas muitos psicólogos ainda acreditam que uma exploração interna dos desejos sexuais e modificação na forma de procura de Sensações Sexuais, pode ajudar ao seu tratamento (Gaither & Sellbom, 2003).

Como referido, a procura de sensações sexuais, tal como todos os comportamentos tem um grau de influência social que afeta a sua manifestação (Gulliette & Lyons, 2005). Em termos sociais, em Portugal e nas culturas de ocidente, é socialmente aceite (e até incentivado) um homem procurar o prazer sexual muito mais vezes que as mulheres (que pelo

contrário são incentivadas a procurar o prazer sexual menos vezes). Apesar de estas ideias terem vindo a ser “combatidas”, ao longo dos últimos anos, mas mesmo assim esta ideia continua a ser utilizada como propaganda de comportamento aceitável no que diz respeito aos papéis de género (Etizoni & Baris, 2005).

Este tipo de pressão social, combinada com fatores internos individuais, desenvolvidos ao longo da história sexual do sujeito, pode desenvolver patologias relacionadas com a procura do prazer sexual. A masturbação compulsiva, a ejaculação precoce, a disfunção orgástica ou até mesmo alguns hábitos sexuais não saudáveis, são dos exemplos mais presentes na sociedade (Gullette & Lyons, 2005).

Alguns desses fatores internos, com grande influência na visão e vivência da sexualidade por parte de cada um são a opinião em relação à sexualidade e a ansiedade sexual.

1.4. Opinião em Relação à Sexualidade

A opinião em relação à sexualidade é conjunto de opiniões desenvolvidas individual e socialmente e refere-se às emoções e cognições que cada um tem em relação ao sexo, ao ato sexual e a qualquer área relacionada com a sexualidade, seja a nível social ou individual (Feeney, Petterson, Gallois & Terry, 2005).

O formato destas opiniões e a forma como o sujeito lida com as mesmas, vai ditar como esta se coloca nas suas relações amorosas e sexuais e como interpreta qualquer aproximação ou imagem com conotação de cariz sexual (Archer, 2004).

Alguém que se sinta muito à vontade, e que tenha uma opinião mais liberal, em relação à sexualidade vai sentir-se mais à vontade quando alguém tenta aproximações desse cariz e vai até procurar essas situações, enquanto que sujeitos que se sintam mais constrangido em relação a esse tema vai evitar situações e pessoas que procurem esse tipo de situações (Etizoni & Baris, 2005).

Alguém que se sente à vontade com o tema da sexualidade, vai ainda tentar sexualizar mais as suas conversas e tendem a utilizar muito a sedução e as suas apetências físicas nas relações com os outros e Procurar mais Sensações sexuais nas suas relações de proximidade. Por outro lado uma opinião mais conservadora em relação à sexualidade leva a uma menor Procura de Sensações Sexuais, seja porque encontra esses prazeres noutra tipo de atividades, seja porque simplesmente acha que esse não é o caminho que deve seguir para atingir a satisfação pessoal (Etizoni & Baris, 2005).

Assim, pode-se afirmar que a Opinião em Relação à Sexualidade, pode ter utilizada como um factor preditor da Procura de Sensação Sexual. É expectável que quanto mais

liberal a Opinião em Relação à Sexualidade, mais elevada seja a Procura de Sensações Sexuais (Baumeister & Twenge 2002).

Apesar disso, é considerado teoricamente difícil que só por si a Opinião em Relação à Sexualidade tenha uma influência direta forte na Procura de Sensações Sexuais, sendo necessário uma combinação de outros factores internos do sujeito, para que essa influência seja notada (Baumeister & Twenge 2002).

Com esta ideia em mente, é real, que nas sociedades modernas, se espere que os sujeitos do sexo masculino apresentem uma Opinião Em Relação à Sexualidade mais liberal (ou seja, a acharem que o sexo deve estar muito presente nas suas vidas) que os sujeitos do sexo Feminino. Esta ideia tem como base a procura dos mesmos que sempre foram visíveis na espécie humana desde os nossos antepassados evolutivos, onde os homens eram sexualmente mais agressivos na procura de sensações sexuais que as mulheres (Baumeister & Twenge 2002).

Apesar disso, a opinião em Relação à Sexualidade em si, não advém de um comportamento instintivo, mas sim de uma aprendizagem ou procura de entendimento do mesmo.

Mesmo com todas as expectativas e preconceitos sociais, o estudo científico mostrou ao longo dos anos que, uma opinião mais liberal ou mais conservadora da sexualidade, está relacionada com o desenvolvimento e a vivência do sujeito como ser individual e como membro de uma comunidade (Baumeister & Twenge 2002). Ainda assim, muitas pessoas são educadas a apresentar padrões de comportamento sexual consoante o que é expectável pelo paradigma social, o que muitas vezes dificulta o estudo no estado puro deste construto (Etizoni & Baris, 2005).

Assim, não se pode afirmar concretamente que uma opinião mais liberal ou conservadora está diretamente relacionada com presença ou falta de um problema ou patologia sexual. Essa opinião apenas tem consequências patológicas, quando, ao ser combinada com outros factores cria uma vivência não saudável da sexualidade perante o próprio e os outros (Etizoni & Baris, 2005).

Uma opinião demasiado liberal em relação à sexualidade, só em si, não cria uma patologia. Mas, essa opinião, envolta em características pessoais como a tendência para os comportamentos compulsivos, ou uma ideia de superioridade em relação aos outros, pode criar comportamentos sexuais abusivos ou compulsivos para com os outros ou o próprio. Os violadores muitas vezes apresentam um misto de uma opinião muito liberal em relação à

sexualidade e a procura de poder sobre as suas vítimas, de forma a preencher o seu complexo de superioridade, ou a combater algum conflito social mal resolvido (Baumeister & Twenge 2002).

No outro extremo, uma opinião mais conservadora em relação à sexualidade pode criar constrangimentos em alguns momentos sociais e uma menor procura de prazeres sexuais, mas em si não significa uma patologia. Esta opinião convivente com a ansiedade, por sua vez, desenvolve no sujeito uma das patologias mais vistas na sociedade moderna (em termos de patologias sexuais), a ansiedade sexual (Baumeister & Twenge 2002).

1.5. Ansiedade Sexual

Esta ansiedade tem manifestações muito específicas em comparação com a ansiedade generalizada, apesar de advir desta em muitos casos. Assim, para perceber a relação entre sexualidade e ansiedade, há que entender as suas manifestações biológicas.

Tanto o comportamento sexual, como o comportamento ansioso têm uma grande manifestação hormonal no organismo. Como já foi referido, o comportamento sexual parte de bases evolutivas para ser acionando, por exemplo, quando um sujeito vê um possível parceiro sexual que acha atrativo o processo biológico que dá origem às respostas sexuais psíquicas é ativo (Siksou, 2008).

Ao avistar um possível parceiro sexual, o organismo masculino e feminino disputam a sua resposta específica para atrair esse possível parceiro, tentando mostrar-te disponível para o ato sexual. Este é um processo natural e que começa a ser desenvolvido na adolescência, ao que socialmente se chama a puberdade (Buss, 2010).

Este processo levará posteriormente às relações e interações de cariz sexual e à possibilidade do ato sexual. Mas, apesar da naturalidade deste, há sujeitos que não sabem lidar as emoções e pensamentos que o processo sexual reproduz, o que vai levar à ativação do ciclo ansioso no organismo (Heodn, 2003).

O ciclo ansioso é algo tão evolutivo como a sexualidade e foi desenvolvido com o intuito de aumentar as hipóteses de sobrevivência da espécie humana (Siksou, 2008).

Este mecanismo de defesa é assim, de forma muito resumida, uma sucessão de ativações neuronais e comportamentais que vão levar o sujeito ao conflito de *fight* ou *flight*, para evitar ou confrontar uma situação desagradável ou que causa dor (Buss, 2010).

O sentimento de ansiedade foi muito importante durante a evolução do Ser Humano, permitindo-lhe selecionar que animais e situações devia evitar para a Auto preservação (Darwin, 2012). Mas, com a evolução da sociedade e com a constante presença de situações

Naturalmente perigosas para o Ser Humano, esta estratégia de defesa começou a direcionar-se para situações “normais” do dia-a-dia que causam algum mal-estar ou incapacidade de resolver uma situação por parte dos sujeitos (Spadone, 1998).

O processo ansioso começa com o ciclo Neuronal em resposta a um estímulo considerado perigoso. No processo ansioso “saudável”, o sujeito é confrontado com um estímulo externo que é percebido como perigoso, em resposta a este estímulo o cérebro vai libertar Serotonina (neurotransmissores que aumentam os níveis de ansiedade), esta libertação vai disputar nos sujeitos as reações fisiológicas do medo, aumento do ritmo cardíaco, aumento da sudorese, dilatação das pupilas (entre outros), o que vai levar ao conflito de *fight* ou *flight* e à posterior resolução desse mesmo conflito, terminando assim o processo ansioso, após a evitação ou confrontação com o estímulo que causa ansiedade (Siksou, 2008).

Mas, o processo ansioso pode-se tornar prejudicial, quando se torna cíclico. Isto acontece quando depois de ser confrontado com um estímulo, o cérebro causar as respostas neuronais e fisiológicas ao medo, o sujeito ser incapaz de responder a estas mesmas reações. Isto vai levar a que o sentimento ansioso esteja constantemente presente e que qualquer estímulo “normal” e naturalmente não perigoso seja percebido dessa forma, levando à constante repetição deste ciclo (Ramrakha, Paul, Bell, Dickson, Moffit & Caspi, 2012).

Com a evolução do mundo Humano, as sociedades criam um estilo de vida muito rápida e de constantes alterações e exigências para os Humanos. Isto levou ao aumento do nível de ansiedade nas populações, especialmente das culturas ocidentais (Ramrakha et al., 2012).

Por exemplo, Portugal em 2015 tornou-se o país da União Europeia com o maior número de pessoas com problemas de ansiedade, atingindo estes números 16,5% da população (Ramrakha et al., 2012).

Estes problemas vão assim afetar tanto o sujeito a nível individual, não lhe permitindo viver uma vida saudável, incapacitando-o de lidar com os problemas e criar relações saudáveis com os outros, mas vai também afetar a sociedade, impedindo que esta se torne 100% produtiva e criando um ambiente instável para todos os seus membros (Buchwald, 2006).

A ansiedade “não saudável” pode ter como origem o mais simples e natural estímulo e é por isso que é tão difícil de resolver. Ansiedade perante avaliação, ansiedade social e ansiedade sexual são os tipos de ansiedade mais visíveis na União Europeia (Buchwald, 2006).

Assim, torna-se importante, neste trabalho, perceber como funciona a ansiedade sexual e como esta pode afetar os hábitos sexuais.

A ansiedade sexual é, desta forma, nada mais que a disputa da resposta ansiosa aquando a presença de estímulos sexuais. Este tipo de ansiedade é especialmente problemática pois é contra - evolutiva. Respostas ansiosas por parte do organismo perante estímulos sexuais vão fazer com que o sujeito evite situações que possam levar à procura ou ao ato sexual (Williams, 2008).

A ansiedade sexual pode originar de patologias e traumas sexuais durante o crescimento, má resolução de conflitos internos, ansiedade de *performance*, ansiedade de avaliação, entre outras. Este tipo de ansiedade causa uma incapacidade de sentir desejo sexual e procura de sensações sexuais, tanto sozinho como com o/a parceiro/a (Spadone, 2007). É assim impossível sentir-se ansioso e sexualmente excitado ao mesmo tempo, sendo impossível a um sujeito com níveis de ansiedade sexual elevados procurar o prazer através de sensações sexuais (Williams, 2008).

A ansiedade sexual porém, não tem só a ver com o ato sexual, normalmente, os sujeitos com este problema sentem altos níveis de ansiedade só com o confronto com um estímulo sexual. Desta forma, altos níveis de ansiedade sexual irão diminuir a Procura de Sensações Sexuais, de qualquer tipo, por parte de sujeitos com esta patologia (Patterson & O’Gorman, 1898).

Par além de tudo isto, a Ansiedade Sexual impede o desenvolvimento de outra característica evolutiva do Ser Humano, o Desejo Sexual (Ramrakha et al., 2012). Quanto mais elevada for a ansiedade Sexual, menos os indivíduos terão capacidade de desenvolver desejo sexual, impedindo a criação e manutenção de relações amorosas saudáveis e duradoras.

1.6. Desejo Sexual

O Desejo sexual é uma resposta evolutiva e Natural à necessidade de procura de parceiros e de continuidade das espécies em todos os animais (Almeida, 2011). Este constructo é o que, inconscientemente, incentiva cada ser a procurar um/a parceiro/a de acordo com as suas preferências individuais (Buss, 2010).

Quando um sujeito entra em contacto com um/a possível parceiro/a sexual, o seu organismo vai libertar feromonas e o seu cérebro vai começar a reproduzir serotonina e dopamina em níveis elevados, o que levam aos comportamentos de sedução e competição

sexual (Buss, 2010). Assim, o Desejo Sexual vai aumentar, levando o sujeito a procurar as sensações Sexuais e o ato sexual para preencher essa necessidade física (Ariely, 2006).

Mas, no Ser Humano, tal como em todos os outros constructos, o Desejo Sexual torna-se muito complexo por causa das ligações do sistema psíquico deste. Assim, o Desejo Sexual torna-se muito mais que um sentimento evolutivo e torna-se numa manifestação psíquica de todas as necessidades dos indivíduos (Ariely, 2006).

Freud por seu lado achava que todo o desejo sexual era a manifestação da Libido, tornando-o assim uma manifestação de todos os desejos recalcados e conflitos mal resolvidos durante o desenvolvimento da identidade sexual (Toates, 2014).

Assim, o Desejo Sexual é um constructo volátil que vai variando ao longo da vida de um sujeito (Toates, 2014).

Na sua infância, como a identidade e o sistema reprodutor ainda não estão bem definidos, o Desejo Sexual manifesta-se através da obtenção de prazer físico com pequenas ações diárias (exemplo, defecar ou comer), na adolescência o sistema reprodutor começa a desenvolver-se e as hormonas sexuais começam a libertar-se no organismo e é nesta fase que o Desejo Sexual vai atingir os seus picos e os indivíduos vai explorar e criar a sua sexualidade e fantasias Sexuais. Na fase adulta, o Desejo sexual vai-se manter elevado mas, vai começar a ser melhor compreendido pelo próprio, facilitando o seu controlo e a sua manifestação. No fim da fase adulta e na velhice, o desejo sexual começa a diminuir, porque as hormonas sexuais começam a reproduzir-se em menor quantidade, deixando até o sistema reprodutivo feminino de funcionar (Toates, 2014).

Na espécie Humana, o Desejo Sexual sempre foi mais elevado no sexo masculino e os preconceitos e paradigmas sociais, aumentam ainda mais a diferença na manifestação do desejo sexual. Esta diferenciação torna-se mais acentuada depois de um casal formar uma família, sendo que os níveis de Desejo Sexual do sexo Feminino normalmente diminuem mais drasticamente que no sexo masculino (Hamilton, 2004).

A relação do sujeito com este constructo vai definir muito da sua Procura de Sensações Sexuais e da forma como este vai vivenciar o tema da Sexualidade no Geral (Hamilton, 2004).

O Desejo Sexual está ainda muito relacionado com os níveis de agressividade. Isto acontece porque o Desejo Sexual, quando é manifestado por dois indivíduos diferentes pelo/a mesmo/a parceiro/a, vai criar uma tensão e competição sexual.

1.7. Agressividade

A agressividade e o Desejo Sexual, evoluíram assim em conjunto durante a história da espécie Humana, sendo esta ideia bastante visível nas características físicas na procura de parceiros, especialmente nas fêmeas perante os machos (Buss, 2010).

Como as hormonas que disputam o Desejo Sexual e a Agressividade são as mesmas, sujeitos com níveis de agressividade mais elevados, terão uma maior necessidade de procurar sensações sexuais e terão também mais sucesso na conquista de potenciais parceiros/as (Aluja & Torrubia, 2004).

Mas, a agressividade vai muito mais para além da competição Sexual. A agressividade é a resposta do organismo a estímulos considerados perigosos ou que sejam considerados um obstáculo por parte do indivíduo, tornando a agressividade uma emoção necessária na vida dos seres vivos, na resolução de problemas, sobrevivência e busca de prazer (Aluja & Torrubia, 2004).

Como as hormonas que disputam o Desejo Sexual e a Agressividade são as mesmas, sujeitos com níveis de agressividade mais elevados, terão uma maior necessidade de procurar sensações sexuais e terão também mais sucesso na conquista de potenciais parceiros/as (Aluja & Torrubia, 2004).

Na espécie Humana, o sexo masculino é considerado o sexo com maiores níveis de agressividade, mas essa é uma visão muito evolutiva e presa às necessidades dos nossos antepassados (Buss, 2010). Como durante grande parte da evolução da espécie humana, o Ser Humano tinha de caçar e combater outras espécies de animais para sobreviver, o Homem era considerado o mais agressivo, pois nesses momentos seria necessária a manifestação física da agressividade (Gola, Miyakoshi & Secousse, 2015).

Hoje em dia, a psicologia sabe que existem vários níveis de agressividade e várias formas de manifestar a mesma. Segundo Buss e Perry, existem vários tipos de agressividade vivenciados pela espécie humana, a agressividade física, a agressividade verbal, a hostilidade e a raiva (Cunha & Gonçalves, 2012).

A agressividade física é a manifestação violenta da agressividade interna dos sujeitos. Por outras palavras a agressividade física acontece quando um sujeito tenta resolver um problema ou tenta sobrevalorizar-se perante outro sujeito através da violência física ou da disposição de atributos físicos melhores que o adversário (Cunha & Gonçalves, 2012).

Este tipo de agressividade é considerado a mais eficaz pela espécie humana, tornando os indivíduos que a utilizam muito valorizados socialmente. É notável na sociedade moderna

que apesar de todas as leis a impedir agressões e violência física na resolução de problemas, a agressividade física continua a ser considerada uma característica positiva (especialmente em sujeitos do sexo masculino) desde que em ambientes controlados. Os desportos físicos como o futebol, o boxe ou as artes marciais, são ainda utilizados como modo de seleção dos membros de excelência da sociedade, sendo os sujeitos que realizam estas práticas colocados numa hierárquica social superior (Smith & Stewart, 2005).

A agressividade Verbal, por outro lado, é uma agressividade socialmente considerada menos violenta, pois não causa quaisquer danos físicos às suas vítimas. Este tipo de agressividade é caracterizada pela utilização de palavras ou estratégias de comunicação que têm como finalidade humilhar, ridicularizar, manipular ou enganar os outros sujeitos (Lorenz, 2006).

Este tipo de agressividade é bastante utilizado pelas fêmeas, em comparação com a utilização por parte dos machos. Tal como na agressividade física, isto tem uma explicação evolutiva. Como na vivência social dos antepassados do Ser Humano, as mulheres passavam mais tempo a recolher fruta e a viver em comunidade que os homens, a sua competição não podia ser feita de forma física, para não prejudicar o funcionamento da mesma. Assim, as mulheres desenvolveram as estratégias verbais de manifestação da agressividade para se sobreporem hierarquicamente e para conseguirem afastar as adversárias por parceiros sexuais desejáveis (Lorenz, 2006).

Na sociedade contemporânea, este tipo de manifestação agressiva é bem mais aceite que a agressividade física. Ao contrário da violência física que é valorizada em alguns espaços controlados, a violência verbal é vista como algo não tão agressivo ou que magoe, sendo até muitas vezes utilizada em campanhas políticas ou discussões académicas para valorizar o ponto de vista do próprio perante o outro (Zenter & Shiner, 2012).

Segundo Buss e Terry, a hostilidade é por outro lado um tipo de agressividade internalizada, ou seja, não manifestada por comportamentos como a agressividade física ou verbal. A hostilidade é assim um sentimento de violência emocional e de rivalidade perante outra pessoa (Cunha & Gonçalves, 2012).

A manifestação desta é notada no ódio ou nojo de qualquer ato realizado por um sujeito alvo desse mesmo sentimento. Esta é considerada muitas vezes uma preditora da agressividade tanto física como verbal, mas muitas vezes pode não se manifestar de forma tão óbvia. Sujeito com altos níveis de hostilidade têm tendência a criar inimigos com facilidade e a desenvolver sentimentos fortes de ódio perante estes (Zenter & Shiner, 2012).

Enquanto nas agressividades físicas e verbais os sujeitos têm muita tendência para a comprotamentalização no momento de forma a resolver rapidamente qualquer problema ou conflito que lhes é apresentado, sujeito com níveis de hostilidade mais elevados tornam-se mais passivo-agressivos (Denson, DeWall, Finkel, 2012).

Por fim, a raiva, é uma emoção Natural do Ser Humano, mas estes autores definem os sujeitos com níveis muito elevados de raiva como sujeitos com incapacidade de lidar com os sentimentos negativos perante os outros.

Em termos evolutivos a raiva é a preditora de qualquer tipo de agressividade, seja física ou verbal, pois é a emoção que vai ser alimentada pelos sentimentos negativos perante alguém e que posteriormente leva aos comportamentos agressivos perante esse mesmo sujeito (Denson, DeWall, Finkel, 2012).

Em termos clínicos, os autores acham que os sujeitos com níveis de raiva muito elevados são os mais problemáticos, pois são o tipo de sujeitos imprevisíveis que podem ter comportamentos disruptivos e exagerados perante situações desagradáveis. Por outras palavras, sujeitos com muita raiva podem tornar-se autodestrutivos ou destrutivos do ambiente e pessoas à sua volta, para tentarem lidar com os sentimentos negativos constantemente presentes na sua vida, devido à internalização excessiva dos seus sentimentos (Wright, Cogan & Taylor, 2012).

Toda a gente vivencia todos os tipos de agressividade, mas, cada um de nós terá uma resolução interna mais característica da agressividade sentida. Estas diferenças irão diferenciar-se consoante o tipo de estímulos que cada um considerará conflituoso e da forma que cada um aprendeu a lidar com essas mesmas situações problemáticas ao longo durante a sua experiência de vida (Denson, DeWall, Finkel, 2012).

Em termos de agressividade na competição sexual vários estudos provam que as fêmeas despendem mais agressividade na sedução, competindo com as outras fêmeas tentando chamar mais atenção para si próprias e mostrando sexualmente mais disponíveis que as mesmas, enquanto que os machos despendem mais agressividade na competição física com outros machos, tentando mostrar às fêmeas que são mais fortes e aos outros machos que não devem tentar competir consigo (Wright, Cogan & Taylor, 2012).

Uma conclusão retirada por Buss e Perry é que a competição sexual entre as fêmeas se foca muito na humilhação e aposentação, enquanto que a competição entre os machos é mais virada para a violência e para a intimidação. Sendo assim, estes concluíram ainda que o objeto da agressividade sexual das fêmeas são os machos enquanto que o objeto da

agressividade sexual dos machos são os outros machos (Flanders, Arawaka & Cardozo, 2013).

Concluindo, pode-se afirmar que sujeitos com altos níveis de agressividade externalizada vão ter mais sucesso sexual, o que vai aumentar a sua procura de sensações sexuais. A agressividade torna-se assim um importante constituinte na procura de parceiros da espécie humana (e de outras espécies que têm como base do seu comportamento a competição). Consequentemente, de todos os tipos de agressividade, é cientificamente aceite que sujeitos com níveis de agressividade física e agressividade verbal mais elevados, irão ter maiores níveis de procura de sensações sexuais (Cunha & Gonçalves, 2012).

Aliás, vários investigadores do tema (em áreas como a psicologia, a evolução humana e as neurociências), comprovaram que a agressividade física e verbal são das características mais influentes da Procura de Sensações Sexuais, o que permite concluir que são das características humanas que melhor permitem prever o nível dessa mesma procura (Buss, 2010).

O facto de que as agressividades verbais e físicas são grandes influentes na procura de sensações sexuais, desde os primórdios da humanidade, faz com que estes sejam considerados os melhores pretores da Procura de Sensações Sexuais (Cunha & Gonçalves, 2012).

Esta procura de sensações sexuais impulsiva e rápida, é benéfica para sujeitos que saibam lidar com as restrições sociais e com a individualidade do outro, noutros casos os sujeitos com altos níveis de agressividade vão entrar em comportamentos sexuais disruptivos como a violação ou a perseguição sexual (Flanders, Arawaka & Cardozo, 2013).

Por outro lado, nem todos os sujeitos à procura de sensações as têm de encontrar nas sensações sexuais, pois o Ser Humano, ao longo da sua evolução como espécie desenvolveu a capacidade de encontrar e retirar prazer noutro tipo de sensações que não as sexuais.

1.8. Procura de Sensações

Assim há que desenvolver um outro constructo, o da Procura de Sensações. Este constructo será uma manifestação psíquica do desejo Natural que o Ser Humano tem como animal em se sentir ocupado, com objetivos ou a retirar prazer de algumas atividades específicas (Zuckerman, 1994).

A procura de sensações, é nada mais que a comportamentalização de necessidades internas do sujeito na procura do prazer pessoal. Estas manifestações vão ser específicas de

cada sujeito, e vão depender de que vivências individuais e sociais produziram prazer ao longo da vida de cada um, e de que forma se acha que consegue atingi-lo em situações iguais ou parecidas (Stewart, 1975).

A Procura de Sensações pode ser feita através das mais variadas formas que cada um consiga imaginar. Há quem consiga atingir as sensações de prazer através de tarefas tão diárias como limpar a casa ou cozinhar, outras pessoas necessitam de tarefas mais intelectuais, como ler livros ou jogar videogames enquanto que outras por exemplo precisam de desafios mais físicos como escalada e corrida (Strelau, 2010).

Esta variância de situações prazerosas na sociedade humana desenvolveu-se com a evolução cerebral da espécie que permitiu a cada um interpretar o mundo e o prazer de uma forma muito específica (Strelau, 2010).

É cientificamente aceite que o prazer sentido numa situação está diretamente ligada com a alteração do comportamento cerebral no que diz respeito a neurotransmissores. Ao longo da vida, os seres humanos vão recriando as situações que as ligações neuronais consideram prazerosas, ou seja nas situações que na sua história de vida causaram a libertação de hormonas como a dopamina ou a adrenalina (Donohew, Zimmerman, Cuppa, Novak, Colonc, & Abell, 2000).

Martin Zuckerman, ao longo da sua carreira estudou este constructo e criou a escala *Sensation Seeking Scale*, que divide a procura de sensações em quatro características diferentes, Busca de Emoção e Aventura, Busca de Experiências, Desinibição e Susceptibilidade ao Aborrecimento (Strelau, 2010).

È assim notável que nos seus estudos sobre este tema, este autor focou a Procura de Sensações em algo mais evolutivo, tendo como foco a procura de prazer através do aumento de adrenalina no organismo e da procura do estímulo, como experimentar algo novo, ou procurar atividades físicas radicais. Esta visão da procura de sensações torna-se assim facilitadora no trabalho de a comparar com a Procura de Sensações Sexuais, uma forma de atingir o prazer físico (Zuckerman, 1979).

Nesta avaliação quem apresenta valor de Busca de Emoção e Aventura elevados, tem tendência a procurar sensações através de atividades mais radicais. Este tipo de sujeitos normalmente aprenderam a retirar prazer de situações perigosas ou atividades que implicam esforço físico (Zuckerman, 1979).

Estes sujeitos normalmente retiram prazer psicológico da cultura do seu corpo ou de sentimento de controlo e *empowerment*, sobre controlo sob situações que em termos

evolutivas são consideradas perigosas. Esta necessidade de constante desafio perante situações de morte faz com que os utentes sintam que têm controlo sobre a sua vida e destino, que podem não encontrar noutras áreas da sua vida (Strelau, 2010).

Sujeitos com níveis elevados de Desinibição, tal como o nome refere, retiram prazer de situações em que se sente libertos das pressões sociais ou internas sobre si. Os sujeitos com este tipo de procura de prazer atingem-no por se sentirem o centro das atenções e de fazerem coisas que os outros consideram “louco” ou “diferente” (Zuckerman, 1979).

É expectável que sujeitos com altos níveis de Desinibição irá sentir mas à vontade com assuntos sexuais e assim procuraram atingir prazer, mais vezes, através das sensações sexuais (Strelau, 2010).

As características de personalidade destas pessoas, vão desde uma grande capacidade de manipulação, tendências para quebrar regras sociais e começar novas modas e tendência para procurar contrariar as ideias *mainstream* (Strelau, 2010).

Zuckerman definiu ainda que os sujeitos com uma grande susceptibilidade ao aborrecimento são indivíduos com uma incapacidade de retirar prazer da maioria das atividades, ou ainda não encontraram as suas atividades das quais tiram mais prazer (Zuckerman, 1979).

Este tipo de sujeitos é caracterizado por uma constante aversão a atividades consideradas prazerosas pelos outros, pois sentem que não são capazes de as sentir como estes. Para além disso, sujeitos com grande susceptibilidade ao aborrecimento são sujeitos mais infelizes, com menores níveis de autoestima e com uma passividade na procura de novas experiências ou situações que fujam das suas rotinas (Strelau, 2010).

Na relação com a Procura de Sensações Sexuais, é expectável que sujeitos com altos níveis de qualquer tipo na Procura de Sensações (Não-Sexuais) tenham níveis mais baixos de Procura de Sensações Sexuais (Donohewa et al., 2000)

Isto acontece porque sujeitos que consigam atingir os níveis de prazer que procuram em situações não relacionadas com o sexo, têm menos tendência para procurar Sensações Sexuais sempre que procuram emoções positivas (Donohewa et al., 2000)

Apesar disso, os valores de Busca de Emoção e Aventura irão ser os valores mais influenciadores negativamente perante a Procura de Sensações Sexuais. Sujeitos que procurem o prazer nas atividades emotivas e físicas, irão ter valores de Procura de Sensações Sexuais muito baixos. Isto é explicável pois a procura de prazer através do ato sexual é baseada no atingimento do prazer pelo orgasmo e da realização das fantasias sexuais, que

apesar de ser um sentimento positivo prazeroso evolutivo, não oferece ao sujeito o mesmo nível de sentimento de controlo e *empowerment* que as atividades sexuais (Strelau, 2010).

Desta forma, sujeitos que retiram prazer através da necessidade do sentido de controlo sobre a sua vida e sobre situações perigosas, valorizam menos o prazer físico sexual e mais o prazer retirado do sentimento de poder (Donohew et al., 2000)

A Procura de Sensações será assim, um constructo psico-comportamental que influenciará a Procura de Sensações Sexuais, mas não por si só. A Procura de Sensações Sexuais será um conjunto de relações entre vários constructos psíquicos, características pessoais e experiências de vida que cada um desenvolveu ao longo do crescimento como Ser Sexual, sendo considerada uma variável instintiva nesta tese (Strelau, 2010).

Sendo expectável que, com todos os anos de evolução conjunta entre o cérebro instintivo e o racional, que ambas as existências do mesmo consigam coexistir de forma saudável e equilibrada, sem nenhum se sobrepor de forma muito relevante perante o outro no momento da Procura do Prazer Sexual (Damásio, 2010).

Assim, uma maior compreensão do Ser Humano, tanto como ser evolutivo, como ser racional, irá ajudar na compreensão da influência que a procura do prazer sexual tem nas várias áreas da vida dos Humanos.

2. Legitimação

A compreensão dos complexos comportamentos evolutivos da espécie Humana e de como este se comporta individualmente e socialmente perante os mesmos é imperativa no estudo do Ser Humano (Buss, 2010). Assim, torna-se imperativo entender como o Ser Humano, hoje lida com os seus comportamentos evolutivos, numa sociedade racionalmente organizada (Darwin, 2012).

O estudo desses comportamentos e de como estes se relacionam com as normas aprendidas socialmente, podem ajudar na compreensão da origem da evolução do cérebro humano. O que posteriormente irá permitir uma melhor compreensão das patologias e do tratamento das mesmas (Etzioni & Baris, 2005).

Um dos comportamentos instintivos ainda muito notados na espécie humana, são os comportamentos sexuais. A competição sexual, a escolha de parceiro e a procura de sensações sexuais ainda hoje seguem as bases biológicas e comportamentais dos nossos antepassados (Almeida, 2011).

Assim estes comportamentos evoluíram com a nossa sociedade e a sociedade evoluiu com eles, fazendo com que muitos dos paradigmas e regras sociais relacionadas com a busca de prazer sexual estejam relacionadas com as bases instintivas para a manutenção e evolução da espécie (Etizoni & Baris, 2005).

Um dos comportamentos sexuais mais afetados pela sociedade é a Procura de Sensações Sexuais. Estas ações instintivas de procura de prazer sexual, que durante anos levaram à manutenção da espécie humana, hoje em dia são afetadas pelas ideias desenvolvidas pelas diferentes sociedades no mundo (Roberti, 2004). Papéis de género, Ideias em relação à orientação sexual, liberdade sexual são todas variáveis que vão afetar um comportamento que supostamente devia ser instintivo e de espécie, mas que assim se torna também um comportamento social (Pietromonaco & Barrett (2011).

O estudo da Procura de Sensações Sexuais torna-se assim importante, porque permite estudar em que medida as normas sociais vão afetar a autoimagem sexual de cada um, e como cada individuo vai lidar com ela e com os conflitos internos, recalcamentos e fantasias sexuais relacionados com esta (Spadone, 2007).

Com um maior conhecimento de como funciona a Procura de Sensações Sexuais, quando conjugada com outras variáveis como a Opinião em relação à sexualidade, a agressividade ou com o Desejo Sexual, a psicologia terá maior facilidade em traçar perfis sexuais para os sujeitos. Isso permitirá que os psicólogos consigam ajudar sujeitos a vivenciarem a sua sexualidade e fantasias sexuais, de forma saudável para o individuo e para a sociedade (Spadone, 2007).

O estudo da Procura de Sensações Sexuais permitirá ainda compreender de que forma as aprendizagens sociais e a cognição humana vai desenvolver patologias sexuais que irão causar mal-estar, exclusão social, ou comportamentos criminosos (sexuais) nos indivíduos (Voison et al., 2012).

A relação entre a ansiedade e a sexualidade, por exemplo, é um tema que tem sido muito estudado, pois sendo a ansiedade a patologia mais presente na sociedade contemporânea, torna-se importante estudar como esta afecta comportamentos Naturais, tal como a Procura de Sensações Sexuais (Buchwald, 2006).

Com um estudo mais complexo da relação entre a Procura de Sensações sexuais com outras variáveis internas do Ser Humano, a psicologia poderá ainda desenvolver programas terapêuticos mais eficazes contra comportamentos como a pedofilia, violação, ou fantasias sexuais como o Voyerismo ou o exibicionismo (Gola, Mychoshi & Secousse, 2015).

A sexualidade é um tema que sempre incomodou a sociedade, especialmente em culturas ocidentais, por causa das influências religiosas no pensamento social, mas é um tema que deve ser estudado para o melhor entendimento de que forma as avançadas ligações neuronais estão a afectar um comportamento evolutivo (Etizoni & Baris, 2005).

Com cada vez mais estudo sobre estes temas, poderá também relacionar-se outras variáveis que estarão relacionadas com a Procura de Sensações sexuais de forma indirecta, como o “à vontade” em relação a assuntos sexuais, o sexo, a orientação sexual, ou até a Procura de Sensações e prazeres não sexuais (Strelau, 2010).

Com a evolução dos paradigmas da sociedade para ideias liberais em relação à sexualidade, o Ser Humano começou a perceber que as restrições religioso-políticas que durante anos obnubilaram a evolução do estudo científico, hoje em dia já não fazem sentido. Assim, abre-se o caminho para a compreensão de quais as diferenças entre os comportamentos que o Ser Humano como espécie e os comportamentos que este vai ter como individuo com capacidade de introspecção e auto-conceito (Spadone, 2007).

Apenas um estudo que englobe estas diferentes áreas e influentes da sexualidade humana vai permitir uma compreensão e análise correta da mesma, em termos de visão psicológica, clinica, científica e sem nunca perder os valores da espécie e da individualidade Humana (Strelau, 2010).

Concluindo, o estudo da Procura de Sensações Sexuais e da sua relação com outras variáveis psíquicas e sociais características de cada sujeito, vai ajudar a solucionar várias dúvidas. Como evoluiu a procura de sensações sexuais numa espécie maioritariamente racional? Qual o nível e relação entre os nossos comportamentos sexuais e os restantes comportamentos psíquicos? E que forma a procura e sensações sexuais se manifesta na espécie humana? Até que ponto a procura de sensações sexuais se deixa afetar por outras variáveis sexuais no comportamento humano?

A resposta a estas perguntas vai permitir a intervenção psicológica a níveis muito mais eficazes em problemas de relacionamento intra e interpessoais e ajudar sujeitos com dificuldades em lidar com a sexualidade (seja pessoal seja da sociedade) (Strelau, 2010). Vai permitir ainda à psicologia conseguir entender algumas ligações neuronais que foram sendo desenvolvidas ao longo da evolução Humana, especificamente as relações neuronais correspondentes com o comportamento sexual. (Siksou, 2008).

Por fim, mas não menos importante, o estudo da sexualidade humana, neste caso, a procura de sensações sexuais, permitir-nos-á uma organização social e o desenvolvimento de

paradigmas científicos e literários, que melhor representem e correspondam às necessidades sexuais humanas (Siksou, 2008). Permitindo ainda os possíveis resultados desta tese ajudar na previsão de como os comportamentos sexuais irão evoluir e afetar a existência da espécie humana, tanto a nível individual, como a nível de espécie (Darwin, 2012).

Para atingir os objetivos definidos esta tese terá assim 4 hipóteses:

Hipótese 1: As variáveis Agressividade Verbal e Agressividade Física são as melhores preditoras da Procura de Sensações sexuais.

Hipótese 2: O nível de Ansiedade Sexual correlaciona-se negativamente com as variáveis da Procura de Sensações Sexuais e Desejo Sexual.

Hipótese 3: A Orientação Sexual correlaciona-se negativamente com o “à Vontade em relação à Orientação Sexual”.

Hipótese 4: Sujeitos do sexo masculino apresentam médias significativamente superiores às mulheres nos resultados das variáveis “Opinião em Relação à Sexualidade” e Procura de Sensação Sexual.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA E RESULTADOS

3. Metodologia

3.1 Amostra

A amostra é constituída por 244 participantes de ambos, com idades compreendidas entre os 15 e os 75 anos.

Tabela 1 - Tabela Descritiva da amostra por sexos e idade

Sexo	N	M (Idade)	DP
Masculino	95	30.05	10.66
Feminino	149	27.92	9.40
Total	244	28.75	9.94

Como é visível na Tabela 1, a amostra é constituída por 95 sujeitos do sexo Masculino e 149 do sexo Feminino. Ambos os sexos apresentam uma média de idades muito próxima, tendo os homens 30,05 anos de média de idade e as mulheres 27,92.

Assim, nesta amostra, apesar de o sexo masculino ter uma média de idades de três anos superior ao sexo feminino, esta diferença não é estatisticamente significativa ($t(242) = 1,640; p = ,102$).

Tabela 2 – Tabela Descritiva do Estado Civil consoante o Sexo

Estado Civil	Sexo		Total
	Masculino (N=95)	Feminino (N=149)	
Solteiro/a	61	109	170
Casado/a	20	22	42
Divorciado/a	13	18	31
Viuvo/a	1	0	1
Total	95	144	

Como é visível na Tabela 2, o número de participantes casados, divorciados e viúvos, não se diferencia muito entre os sexos, sendo apenas visível uma diferença elevada entre participantes solteiros do sexo masculino (61) e participantes solteiros do sexo feminino (109). Assim, no caso dos participantes solteiros, o sexo feminino apresenta quase o dobro de participantes do sexo masculino.

Para efeitos estatísticos, a diferença de Estados Cíveis é homogénea, pois não existem diferenças estatisticamente significativas entre os mesmos ($\chi^2(3) = 3,684; p = ,298$).

Tabela 3 - Tabela descritiva da Orientação sexual consoante o sexo

Orientação Sexual	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Exclusivamente heterossexual	49	70	119
Predominantemente heterossexual, raramente homossexual	7	23	30
Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual	4	5	9
Igualmente heterossexual e homossexual	2	16	18
Predominantemente homossexual, ocasionalmente heterossexual	4	10	14
Predominantemente homossexual, raramente heterossexual	11	7	18
Exclusivamente homossexual	18	18	36
Total	95	149	244

Como é visível na Tabela 3, é notável que a grande maioria dos participantes se considera Exclusivamente heterossexual (119 participantes), enquanto que todas as outras orientações sexuais, apresentam valores muito mais baixos, sendo a mais baixa pertencente à Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual (9 participantes).

Na diferenciação entre sexos é visível que em várias orientações sexuais os valores são muito próximos (sendo até exatamente igual para Exclusivamente homossexual). Apesar disso, nas categorias “Predominantemente heterossexual, raramente homossexual” (7 para masculino e 23 para feminino) e “Igualmente heterossexual e homossexual” (2 para masculino e 16 para feminino) os valores são bastantes desnivelados, com o sexo feminino a apresentar sempre valores mais elevados.

Há ainda que notar, nesta tabela, que o sexo masculino apenas apresenta valores superiores ao feminino para a variável “Predominantemente homossexual, raramente heterossexual”.

Para efeitos estatísticas há que referir que existe heterogeneidade entre as diferentes orientações sexuais, significando que existem diferenças estatisticamente significativas entre algumas destas ($\chi^2(6) = 15,508; p = ,017$).

Tabela 4 – Tabela de Comparação de médias das variáveis “à vontade” consoante o sexo

	Sexo				<i>t</i> (242)	Sig (<i>p</i>)
	Masculino		Feminino			
	M	DP	M	DP		
À Vontade em relação à Orientação Sexual	8.99	1.388	9.09	1.312	-.593	.554
À Vontade em relação aos Hábitos Sexuais	8.34	1.648	8.30	1.675	.190	.849
À Vontade em relação à Sexualidade	8.28	2.092	8.57	1.629	-1.196	.233

Em relação às variáveis de “à vontade”, há que notar que nas três variáveis, os valores das médias entre os sexos são muito parecidos. Isto faz com que em nenhum dos casos estas diferenças sejam estatisticamente significativas.

Na variável “à Vontade em Relação à Orientação Sexual”, nota-se uma média mais alta para o sexo feminino, com uma diferença de .10 valores. Esta diferença não é estatisticamente significativa ($t(242) = -.593$; $p = .554$).

Na variável “à vontade em Relação os Hábitos Sexuais”, nota-se uma média mais alta para o sexo masculino, com uma diferença de .04 valores. Esta diferença não é estatisticamente significativa ($t(242) = .190$; $p = .849$).

Na variável “à Vontade em Relação à Sexualidade”, nota-se uma média mais alta para o sexo feminino, com uma diferença de .29 valores. Esta diferença não é estatisticamente significativa ($t(242) = -1.196$; $p = .233$).

3.2 Procedimento

O primeiro passo na realização do estudo foi a criação do protocolo, sendo primeiramente desenvolvido um questionário de dados demográfico (ANEXO I) e depois pesquisadas e acrescentadas as medidas necessárias para o desenvolvimento da tese.

Esse protocolo foi feito digitalmente através da plataforma *GoogleDocs*, sendo a posterior recolha de dados feita através do preenchimento online. Alguns dos protocolos

foram conseguidos com a ajuda de fóruns da internet como o *homosexuals anonymous* e o *dailystrenght*. Os outros foram preenchidos através de redes sociais (Facebook e Twitter).

Esta recolha demorou aproximadamente quatro meses (entre Dezembro de 2014 a Março de 2015) até serem atingidos 244 protocolos preenchidos.

3.3 Medidas

As medidas utilizadas nesta dissertação foram a *Sensation Seeking Scale - V*, o *Agression Questionnaire*, o *Sexual Opinion Survey* (Versão reduzida), o *Hulbert's Index of Sexual Desire*, o *Sex Anxiety Inventory*, o *Sexual Sensation Seeking Scale* e a *Kinsey Scale* e o Questionário de dados demográficos.

A *Sensation Seeking Scale -V* (ANEXO II) (Escala de Procura de Sensações) original foi desenvolvida por Zuckerman em 1964, tendo sofrido várias alterações ao longo dos anos tendo a última sido realizada em 2001. Esta nova versão da escala é constituída por 40 itens, cada um com duas opções de resposta, e avalia o nível de procura de sensações em 4 escalas, Procura de Emoção e Aventura (itens 3A, 11B, 16A, 17A, 20B, 21B, 23A, 28A e 38B), Desinibição (itens 1A, 2A, 13B, 25B, 29A, 30B, 32A, 33B, 35B e 36A), Procura de Novas Experiências (itens 4B, 6A, 9A, 10B, 14A, 18A, 19B, 22A, 26B e 37B) e Susceptibilidade ao Aborrecimento (itens 2B, 5A, 7B, 8A, 15B, 24A, 27B, 31B, 34B e 39A). O resultado de cada escala pode variar entre zero e dez, e a escala de valor mais alto é avaliada como sendo a característica principal do sujeito na Procura de Sensações (Loas et al, 2001).

Este teste apresenta uma consistência interna que foi medida através do teste KR-20 e apresentou resultados de .78 para a Procura de Emoção e Aventura, 0.58 para a Procura de Novas Experiências, 0.72 para a Desinibição e 0.50 para a Susceptibilidade ao aborrecimento. A consistência Externa apresenta um valor de .83 (Loas et al, 2001).

O *Agression Questionnaire* (ANEXO III) (Questionário de Agressão) foi desenvolvido por Buss e Perry em 1992 e avalia o tipo de agressividade dos sujeitos através de 29 itens numa escala de Likert de cinco itens (1 – Nunca ou Quase Nunca, 2 – Poucas Vezes, 3 – algumas Vezes, 4 – Muitas Vezes, Sempre ou Quase Sempre). Os resultados são apresentados divididos por quatro fatores diferentes, Agressividade Verbal (itens 4, 6, 14, 21, 27) Hostilidade (itens 3, 7, 10, 15, 17, 20, 24, 26), Agressividade Física (itens 2, 5, 8, 11, 13, 16, 22, 25, 29) e Raiva (itens 1, 9, 12, 18, 19, 23, 28) (Cunha & Gonçalves, 2012).

Este teste apresenta valores de consistência interna e externa válidas, sendo a consistência interna medida através do alfa de *Cronbach* e a consistência através do método de teste-reteste. O valor de alfa de *Conbach* mais elevado pertence à agressão relacionada

com a frustração, sendo de .77 e o mais baixo diz respeito à agressão verbal, com .57; a escala de agressão física apresenta um valor de .63 e o valor de suspeição é de .63, num total de .82. No teste-reteste os resultados foram comparados com um espaço de 5 semanas entre ambos as aplicações do teste, sendo as correlações de .72 para a agressão verbal, .81 para a agressão relacionada com a frustração .88, .81 para a agressão física e .57 e para a suspeição, num total de .81 (Cunha & Gonçalves, 2012).

O *Sexual Opinion Survey* (ANEXO IV) (Questionário de Opinião sexual) foi desenvolvido por White, Fisher, Byrne e Kingma em 1977 e avalia as atitudes em relação a várias situações sexuais, através de 21 itens divididos por cinco escalas, autosexualidade, heterossexualidade, homossexualidade, fantasias sexuais e estimulação sexual visual. Em 1979, Semph criou a versão reduzida (utilizada nesta dissertação) que consiste em cinco itens cada um avaliado numa escala de Likert de sete itens (1 – Concordo Fortemente, 7 – Discordo Fortemente). O resultado final pode variar entre um e sete para cada escala e entre cinco e 35 no resultado total (sendo que 5 simboliza um sujeito muito erotofílico e 35 um sujeito muito erotofóbico) (Fisher, Davis, Yarber & Davis, 2010).

A consistência interna deste teste foi calculada através do alfa de *Cronbach* e apresentou um valor aceitável entre .82 e .90, enquanto que a validade externa foi avaliada através do teste-reteste (com um intervalo de duas semanas entre as aplicações), com um resultado aceitável de .84. (Fisher et al, 2010).

O *Hurlbert's Index of Sexual Desire* (ANEXO V) (Índice de Desejo Sexual de Hulbert) foi desenvolvido por Hurlbert em 1992 e avalia o desejo sexual em 25 itens numa escala de Likert de quatro valores (0 – Sempre, 1 – A Maioria das Vezes, 2 – Algumas Vezes, 3 – Nunca). Os itens 1, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 17, 18, 19, 20 são revertidos durante a avaliação. No final todos os itens são somados e o resultado pode variar entre zero (Muito Pouco desejo Sexual) e 75 (Desejo Sexual Muito elevado). A validade externa deste teste ficou provada com uma avaliação de Hamburger em 1996 que concluiu uma consistência de .95 num teste-reteste com um intervalo de 21 dias. A consistência interna por si foi avaliada através do alfa de *Cronbach* apresentando um valor de .96 (Fisher et al, 2010).

O *Sex Anxiety Inventory* (ANEXO VI) (Inventário de Ansiedade Sexual) foi desenvolvido por Janda em 1980 e avalia a ansiedade sexual em 25 itens com duas hipóteses de resposta cada um. Para os itens 2, 3, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 22 e 24 a resposta correspondente à ansiedade é a A enquanto que nos itens restantes essa resposta é a B, cada resposta ansiosa corresponde a +1 no resultado final e cada resposta não ansiosa a +0. No

final são somadas todas as respostas ansiosas e o resultado pode variar entre zero (Nada Ansioso sexualmente) e 25 (Extremamente ansioso sexualmente). Este teste apresenta uma consistência interna e externa aceitáveis. As suas consistências foram testadas por Janda e O'Grady em 1980, demonstrando um valor de .86 através da fórmula de Kuder-Richardson para a consistência interna e um valor de .84 para a consistência externa (através de um teste-reteste com um intervalo de 10 dias) (Janda & O'Grady, 1980).

A *Sexual Sensation Seeking Scale* (ANEXO VII) (Escala de Procura de Sensações Sexuais) foi desenvolvida por Kalichman em 1994, baseando-se na *Sensation Seeking Scale* de Zuckerman, e avalia a Procura de Sensações Sexuais através de 10 itens, numa escala de Likert de um a quatro, cada um (1 – Nada como Eu, 2- Um Pouco Como Eu, 3- Muito Como EU, 4 - Exactamente Como Eu). O resultado é apresentado através do valor da média das dez respostas e pode variar entre um (Procura poucas sensações sexuais) e quatro (Procura muitas sensações Sexuais) (Fisher et al, 2010).

Uma validação deste teste realizada por Hendershot, Stoner, George e Norris em 2007 mostrou uma consistência interna deste teste com alfas de *Cronbach* entre .79 e .83, enquanto que validações de Kalichman e Rompa (1995) e Kalichman (1994), mostraram valores de consistência externa de .69 e .78 respetivamente (Com intervalos de duas semanas e três) (Fisher et al, 2010).

4. Resultados

Para uma análise profunda de todas as relações possíveis entre as variáveis utilizadas neste trabalho, foram realizados cinco análises estatísticas.

A primeira análise estatística realizada foi uma Regressão Linear, recorrendo ao método Stepwise, tendo como variável Dependente “Procura de Sensações Sexuais”.

Tabela 5 – Tabela de Resultados de Regressão Linear

Variáveis	B	Beta	T	Sig	R ²	R ² Change	Sig- F Change
Opinião em Relação à Sexualidade	.439	.483	11.283	.000	.422	.422	.000
Agressividade Verbal	.463	.298	5.854	.000	.577	.154	.000
Agressividade Física	.210	.284	5.133	.000	.611	.034	.000
Desinibição	.371	.143	3.169	.002	.628	.018	.001
Raiva	-.147	-.145	-2.584	.010	.638	.010	.010

Na Tabela 5, foi realizada uma regressão linear, através o método Stepwise, considerando a variável Procura de Sensações Sexuais como a variável dependente e as variáveis de Agressividade, as e Procura e Sensações, o Desejo Sexual, a Ansiedade Sexual e a Opinião em Relação à Sexualidade as independentes.

Os resultados finais eliminam a maioria das variáveis e deixam como principais preditoras (ou seja, as que preizme a Procura de Sensações Sexuais de forma significativa), a Opinião Em Relação à Sexualidade, a Agressividade Verbal, a Agressividade Física, a Desinibição e a Raiva.

Como é visível na Tabela, a variável que melhor prevê a Procura e Sensações Sexuais é a Opinião em Relação à Sexualidade, prevendo 42,2% da mesma ($R^2 = ,422$; R^2 change = ,422; p change = ,000). Assim a influencia que esta variável tem na Procura e Sensação Sexual é Positiva (quando esta aumenta também a Procura de Sensações Sexuais aumenta) ($\beta = ,439$; $t = 11,283$; $p = ,000$). e muito significativa. Por cada ponto que a Opinião em Relação à Sexualidade aumenta, ,439 da Procura de Sensação Sexual também aumenta.

A segunda variável que melhor prevê a variável dependente é a Agressividade Verbal. Esta prevê 15,4% da mesma ($R^2 = ,577$; R^2 change = ,154; p change = ,000). Assim a sua influência na Procura e Sensação Sexual é Positiva ($\beta = ,463$; $t = 5,854$; $p = ,000$). e muito significativa. Por cada ponto que a Agressividade Verbal aumenta, a variável dependente aumenta ,463.

A terceira variável que melhor prevê a Procura de Sensação Sexual é a Agressividade Física, prevendo de forma positiva ($\beta = ,210$; $t = 5,133$; $p = ,000$). e muito significativa 3,4% da mesma ($R^2 = ,611$; $R^2 \text{ change} = ,034$; $p \text{ change} = ,001$). Por cada Valor que a Agressividade Física Aumenta, a Procura e Sensações Sexuais aumenta ,611.

A Quarta variável que este teste apresenta é a Desinibição, prevendo esta 1,8% da Procura de Relações Sexuais ($R^2 = ,628$; $R^2 \text{ change} = ,018$; $p \text{ change} = ,001$). A Desinibição Prevê assim a Procura e Sensações Sexuais de forma positiva ($\beta = ,371$; $t = 3,169$; $p = ,002$). e muito significativa. Por cada valor que a Desinibição aumenta a Procura de Sensação sexual aumenta ,628 valores.

A última variável apresentada pelo modelo é a Raiva, que prevê 1% da procura e Sensação Sexual ($R^2 = ,638$; $R^2 \text{ change} = ,010$; $p \text{ change} = ,010$). Assim a influencia da mesma na procura de Sensação Sexual é negativa (quando esta desce também a Procura e Sensação Sexual) ($\beta = -,147$; $t = -2,584$; $p = ,010$). e significativa. Por cada valor que a Raiva aumenta a Procura de Sensação Sexual diminui ,147 valores.

No total, com todas as variáveis independentes em conjunto, é possível prever um máximo de 63,8 % da Procura de Sensação Sexual.

Tabela 6 - Tabela de Correlação de Todas as Variáveis

	Busca de Experiências	Desinibição	Susceptibilidade ao Aborrecimento	Agressividade Física	Agressividade Verbal	Raiva	Hostilidade	Opinião em Relação à Sexualidade	Desejo Sexual	Ansiedade Sexual	Procura de Sensações Sexuais
Busca Aventura e Emoção	.49**	.31**	.28**	.08	.21**	-.03	-.19**	.38**	.40**	-.51**	.28**
Busca de Experiências		.49**	.43**	.15*	.48**	.19**	.04	.30**	.53**	-.56**	.43**
Desinibição			.57**	.29**	.37**	.19**	.08	.38**	.62**	-.55**	.49**
Susceptibilidade ao Aborrecimento				.45**	.34**	.19**	-.01	.27**	.36**	-.46**	.45**
Agressividade Física					.52**	.67**	.57**	.24**	.05	-.12	.50**
Agressividade Verbal						.57**	.35**	.20**	.32**	-.32**	.51**
Raiva							.77**	.12*	.09	.02	.30**
Hostilidade								-.01	-.01	.21**	.14*
Opinião em Relação à Sexualidade									.56**	-.48**	.65**
Desejo Sexual										-.64**	.48**
Ansiedade Sexual											-.56**

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$

Na tabela 6, é importante retirar que a Ansiedade sexual apresenta correlações significativas e negativas com o Desejo Sexual e com a “Procura de Sensações Sexuais”.

No caso da correlação entre a Ansiedade Sexual e a “Procura de Sensações Sexuais”, essa correlação é negativa e mediana ($r = -.56$) enquanto que na correlação entre o Desejo Sexual e a Ansiedade Sexual a correlação é negativa e Forte ($r = -.64$).

De resto há apenas de referir de toas as 67 possíveis correlações, apenas dez não são significativas. Essas correlações “Experiências” e a “Hostilidade” ($r = .04$), entre a “Susceptibilidade ao Aborrecimento” e a “Hostilidade” ($r = -.01$), entre a “Raiva” e a “Ansiedade Sexual” ($r = .02$), entre a “Busca de Aventura e Emoção” e a “Raiva” ($r = -.03$), entre a “Busca de Experiências” e a “Hostilidade” ($r = -.01$) e entre a “Hostilidade” e o “Desejo Sexual” ($r = -.01$), entre o “Desejo Sexual” e a “Agressividade Física” ($r = .05$), entre o “Desejo Sexual” e a “Raiva” ($r = -.01$), entre a “Busca de Aventura e Emoção” e a “Agressividade Física” ($r = .08$) e entre a “Hostilidade” e a “Desinibição” ($r = .08$).

De seguida foi relacionada uma tabela de correlações entre a orientação sexual e as três variáveis de “à vontade” (com a sexualidade, com a orientação sexual e com os hábitos sexuais).

Tabela 7 - Tabela de Correlações de Orientação Sexual e Variáveis de “À Vontade”

	Correlação de Pearson ^a			
	Orientação Sexual	À Vontade em relação à Orientação Sexual	À Vontade em relação aos Hábitos Sexuais	À Vontade em relação à Sexualidade
Orientação Sexual	1	-.54**	-.05	-.03
À Vontade em relação à Orientação Sexual	-.27**	1	.20	.24*
À Vontade em relação aos Hábitos Sexuais	-.16*	.49**	1	.64**
À Vontade em relação à Sexualidade	.010	.36**	.48**	1

Notas: a. Ambos os sexos separadamente = Masculino / Feminino

* $p < .05$, ** $p < .01$

Na Tabela 7, há é importante referir os valores da correlação entre a Orientação Sexual e o À Vontade em relação à orientação Sexual.

Na correlação entre a Orientação e o À Vontade em relação à Orientação Sexual, o sexo masculino apresenta um valor negativo e moderado ($r = -0.54$), enquanto que o sexo feminino apresenta uma correlação negativa e fraca ($r = -.27$). Em ambos os casos, estes valores são significativos.

Outros resultados importantes de referir são as correlações positivas entre a Orientação Sexual e “à Vontade em relação aos hábitos sexuais” para o sexo feminino ($r = -,17$); entre o “à Vontade em Relação à Orientação Sexual” e à Vontade em Relação aos Hábitos Sexuais”, para o sexo Feminino ($r = ,49$); “à Vontade em Relação à orientação Sexual” e “à Vontade em Relação à Sexualidade”, para o sexo feminino ($r = ,36$); entre “à Vontade em relação aos Hábitos Sexuais” e “à Vontade em Relação à Sexualidade”, para o sexo feminino ($r = ,48$); entre “à Vontade em Relação à Sexualidade” e “à Vontade em relação à Orientação Sexual”, para o sexo masculino ($r = ,247$) e entre “à Vontade em Relação à Sexualidade” e “à Vontade em Relação aos Hábitos Sexuais”, para o sexo masculino ($r = ,645$).

Por último foi realizada uma comparação de médias entre dos resultados das diferentes variáveis, entre os sexos.

Tabela 8 – Tabela de Comparação de médias entre sexos para todas as variáveis

	Sexo				F	Sig	Eta square Parcial
	Masculino		Feminino				
	Mean	Std. Deviation	Mean	Std. Deviation			
Busca Aventura e Emoção	5.347	2.167	5.201	2.627	.205	.651	.001
Agressividade Física	24.337	7.362	23.047	7.405	1.768	.185	.007
Agressividade Verbal	15.537	3.755	15.214	3.386	.482	.488	.002
Raiva	18.937	6.015	19.281	5.027	.234	.629	.001
Hostilidade	20.674	7.567	21.812	5.793	1.758	.186	.007
Opinião em Relação à Sexualidade	24.000	6.462	22.483	5.680	3.712	.055	.015
Desejo Sexual	47.789	12.062	47.013	10.610	.279	.598	.001
Ansiedade Sexual	11.021	4.976	10.745	4.315	.210	.647	.001
Procura Sensações Sexuais	26.852	5.400	26.322	5.536	.543	.462	.002
Busca de Experiências	5.337	2.229	6.302	2.088	.11.754	.001	.046
Desinibição	5.032	1.893	5.127	2.239	.120	.730	.000
Susceptibilidade ao Aborrecimento	5.316	2.389	4.832	2.428	2.329	.128	.010

Para os resultados a tabela 8, realizou-se um teste multivariado para descobrir se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as diferentes variáveis utilizadas na tese, consoante o sexo.

Ao verificar os resultados é possível observar que a maior diferença entre sexos existe na variável Opinião em relação à sexualidade (M masculino = 24,000; M feminino = 22,483), onde o sexo masculino apresenta uma média 1,517 valores superiores ao sexo feminino. Apesar disso esta diferença não é significativa ($p = ,055$).

A menor diferença entre sexos pertence à variável Desinibição com apenas ,095 valores e diferença entre os sexos (M masculino = 5,032 ; M feminino = 5,1279. Esta diferença também não é estatisticamente significativa ($p = ,730$).

Em relação à outra variável (para além da Opinião em Relação à Sexualidade), referida na hipótese 4, nota-se que para a Procura de Sensações Sexuais, o sexo masculino apresenta uma média ,53 valores superior ao sexo feminino (M masculino = 26,852; M feminino = 26,322). Esta diferença não é significativa ($p = ,462$).

De todas as comparações, a única que apresenta diferenças estatisticamente significativas é a Busca de Experiências ($p = ,001$), a qual apresenta uma diferença de ,965 entre sexos, com o sexo feminino a apresentar o valor mais elevado (M masculino = 5,337; M feminino = 6,302).

Depois da realização do teste-multivariado realizou-se ainda um Lambda de Wilks que apresentou valores significativos de ,869 ($F(12,226) = 2,847$, $p = ,001$), mostrando assim que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Por fim há apenas que referir os valores de Eta Square, os quais demonstram que a uma diferença que demonstra algum efeito é a Busca de Experiências, apresentando um valor moderado e 0,046, enquanto todas as outras variáveis apresentam um valor de Eta Square fracos.

CAPÍTULO III – DISCUSSÃO

A análise dos resultados direcionando-os para uma relação de predição com a Procura e Sensações Sexuais, necessita de uma grande correlação com a informação científica recolhida na introdução.

Vamos começar a análise destes resultados pela hipótese 1. Esta hipótese afirma que os níveis de agressividade física e agressividade Verbal vão ser os melhores pretores da Procura de Sensações Sexuais.

Como se pode ver na Tabela 5, os resultados demonstram que a ideia proposta por Cunha e Gonçalves em 2012, durante as suas análises ao Agression Questionnaire, não se confirma nesta tese.

Nos resultados da regressão linear desta tese é visível que a Opinião em Relação à Sexualidade tem uma influência muito maior na necessidade de procurar sensações sexuais que qualquer variável da agressividade.

Estes resultados parcialmente confirmam as teses de Baumeister e Twenge (2002) e de Etizoni e Baris (2005).

Baumeister e Twenge deduzem que a Opinião em Relação à Sexualidade iria ser uma variável que podia ajudar a prever a Procura e Sensações, com a ajuda de outras preditoras. Nos resultados da tabela 5 nota-se isso, a Opinião em Relação à Sexualidade, de fato ajuda a prever a Procura e Sensações Sexuais com ajuda de outras preditoras como a agressividade física, a agressividade verbal, a Desinibição e a Raiva. Mas vai muito mais para além disso e consegue ser a melhor preditora visível na Regressão.

Assim, seguindo as ideias de Etizoni e Baris, podemos concluir que a as vivências e a influência social na auto-imagem sexual de cada um, vai afetar a sua procura de Sensações Sexuais. Ou seja, o Ser Humano vai deixar a sua opinião em relação ao sexo, aprendida ao longo da sua vida, influenciar (e ajudar a prever) a quantidade de vezes que uma pessoa acha que precisa de Procurar Sensações Sexuais.

Mas não podemos analisar os valores da regressão só pelo seu nível mais elevado, sim este resultado nega por completo a hipótese 1 esta tese, mas ajuda-nos a retirar outras conclusões menos expectáveis.

Como se pode ver na tabela 5, três das cinco variáveis que ajudam a prever a Procura e Sensações Sexuais pertencem ao teste de Agressividade de Perry e Buss.

Na análise a estes resultados, temos de utilizar as conclusões de vários outros autores para os explicar.

Como podemos ver, apesar de as agressividades verbais e Físicas não serem as melhores preditoras da Procura de Sensações Sexuais são a segunda e terceira melhores preditoras a mesma, respetivamente.

Isto é explicado pela influência que Lorenz (2006) e Cunha e Gonçalves (2012) expõe nos seus trabalhos da influência que os nossos comportamentos inatos e instintivos ainda têm na vida do Ser Humano.

A agressividade, sendo uma emoção evolutiva do Ser Humano, que ajudou a espécie a evoluir e a competir com as outras por recursos, afeta inconscientemente momentos e decisões específicos do Ser Humano.

Desta forma, a agressividade vai ter uma influência elevada em qualquer fator humano que tenha evoluído paralelamente com esta, como a sexualidade.

Assim, como é visível na tabela 5, os níveis de agressividade verbal e os níveis de agressividade física vão ser bons preditores da Procura de Sensações Sexuais.

Segundo Lorenz isto deve-se à influência que os nossos comportamentos inato que permitiram à nossa espécie se colocar no topo da cadeia alimentar, ainda têm nas nossas ações.

Em relação às variáveis de agressividade nota-se ainda que os tipos de agressividade externalizada vão prever a Procura de Sensações Sexuais de forma positiva, ou seja, sujeitos que tenham mais tendência para externalizar a sua agressividade (seja de forma verbal ou física) vão normalmente apresentar valores mais elevados e Procura de Sensações Sexuais. Por outro lado sujeito que tenham tipos de agressividade mais internalizada, no caso, a Raiva vão ter valores de Procura de Sensações mais baixas.

A influência da agressividade na Procura e Sensações Sexuais é tão elevada que consoante o tipo de agressividade mais utilizada por cada um, a Procura de Sensações Sexuais pode descer ou subir.

Seguindo as ideias de Zenter e Shiner (2012), sujeitos que internalizem mais os seus sentimentos, têm menos necessidade de comportamentalizar os seus desejos, seja a raiva por alguém, o desejo de ter sexo ou a exposição social.

Concluindo assim a análise da agressividade nesta tabela, a agressividade é um dos melhores preditores da Procura de Sensações Sexuais, apesar de não ser o melhor. Em casos que não exista acesso a dados referentes à opinião em Relação à Sexualidade, a agressividade sexual continua a ser um bom preditor.

Por fim, na tabela 5, nota-se que a desinibição também é um bom preditor da Procura de Sensações Sexuais.

Como Strelau (2010) refere em relação à Desinibição, sujeitos com níveis de Desinibição mais elevados irão sentir-se mais à vontade com exposição social, com exposição dos seus sentimentos e com a procura das suas necessidades sexuais.

Desta forma, a desinibição torna-se um bom preditor da Procura e Sensações Sexuais, visto que quanto mais Desinibição um sujeito tiver, mais se sente disponível para procurar Sensações Sexuais.

Assim, numa análise final à tabela 5, pode-se concluir que apesar de se negar a hipótese 1, apresentando a Opinião em Relação à Sexualidade como a melhor preditora da Procura de Sensações Sexuais (prevendo 42,2% desta), existem outras variáveis que em conjunto umas com as outras ou individualmente ajudam a prever esta variável.

A agressividade Verbal (prevê 15,4%), a agressividade física (prevê 3,4%), a desinibição (prevê 1,8%) e a Raiva (prevê 1%) são também boas preitoras da Procura de Sensações Sexuais.

Na tabela 6 foi estudada a correlação entre todas as variáveis utilizadas na tese, mas os resultados mais importantes de discutir para atingir o que esta tese se propõe são os valores correlacionais da variável Ansiedade Sexual.

Na hipótese 2, e seguindo as teorias de Williams (2008), Ramrakha (2012) e Patterson e O’Gorman, esperava-se que a Ansiedade Sexual se correlacione negativamente com o Desejo Sexual e a Procura e Sensações Sexuais.

Esta hipótese é confirmada com os resultados da tabela 6. Nesta a Ansiedade Sexual apresenta uma correlação negativa com a procura de Sensações Sexuais e o Desejo Sexual.

Assim, confirma-se a ideia de Williams que afirmou que altos níveis de ansiedade sexual têm tendência a impedir os sujeitos de procurar sensações sexuais.

Williams teorizou que a Ansiedade Sexual é uma patologia sexual contra evolutiva que impede o Ser Humano de procurar e vivenciar o sexo e todos os seus componentes de forma saudável.

Com um resultado correlacional de $-0,56$ entre a Ansiedade Sexual e a procura de Sensações Sexuais, podemos confirmar uma correlação negativa e média entre estas variáveis, o que significa que existe uma tendência mediana para a procura de Sensações Sexuais diminuir.

Este resultado para além de comprovar a hipótese 2 é o único que teoricamente faz sentido, porque tal e como Buchwald (2006) referiu, a ansiedade sexual impede o sujeito e ter uma vida diária saudável. Numa sociedade que usa a sexualização para vender e atrair clientes, ter uma resposta ansiosa a qualquer estímulo considerado sexual vai interferir com uma vivência saudável do mundo e da relação com o mesmo.

Ao não procurar sensações sexuais, ou ao evitar qualquer contacto com as mesmas, o sujeito está a impedir-se a si mesmo de vivenciar um comportamento instintivo necessário e sempre presente na relação entre os seres humanos.

Na correlação entre o Desejo Sexual e a Ansiedade Sexual nota-se uma correlação com o valor de $-0,64$, representando uma correlação negativa e forte.

Esta conclusão é reiterada pelas conclusões de Ramrakha e seus contribuintes que confirmaram nos seus estudos que existe uma relação contrária entre os níveis de Ansiedade Sexual com o Desejo Sexual.

Ao analisarmos os resultados em conjunto é fácil confirmar-se que quanto mais elevado o nível de Ansiedade Sexual, mais probabilidade existe de níveis baixos de Desejo Sexual e procura de Sensações sexuais. Isto demonstra ainda uma possível relação existente entre o Desejo Sexual e a Procura de Sensações Sexuais que foi teorizada por Hamilton (2004), que sem referir tendências ou sentidos de correlação, idealiza que a Procura de Sensações Sexuais e o Desejo Sexual estão relacionados entre si.

De seguida há que analisar os resultados da tabela 7, a tabela de correlações entre a Orientação Sexual e as variáveis e à vontade Sexual.

Esta tabela foi realizada com o intuito de comprovar a veracidade da hipótese 3 que afirma que a Orientação Sexual se correlaciona negativamente com o “à vontade em relação à Orientação Sexual”. Na forma como os testes estão organizados isto basicamente significa que sujeitos com maior tendência para comportamentos sexuais homossexuais, têm tendência a ter valores mais baixos de “à vontade em Relação à Orientação Sexual”.

Esta hipótese é apoiada pelas conclusões de Hatutale e seus contribuintes (2007) que deduzem que, da forma como a sociedade está organizada., apesar de cada vez ser mais liberal em relação à aceitação da homossexualidade como um estilo aceitável de vida, os sujeitos heterossexuais apresentam mais à vontade com a sua sexualidade que sujeitos homossexuais.

Podem existir varias razões para isto, mas a proposta pelos mesmos autores, é que mesmo que o sujeito se sinta à vontade com quem é sexualmente e com os seus desejos, o

sentimento de não aceitação ou julgamento por parte de alguns membros da sociedade afeta como este se sente à vontade em expor a sua sexualidade e a sua vivência da mesma.

Assim, nos resultados da tabela 7, confirmam a hipótese 3, com ambos os sexos a apresentarem correlações negativas entre a Orientação Sexual e o “à Vontade em relação à Orientação Sexual”.

Nestes resultados é notável que o sexo masculino apresenta um resultado de correlação negativo e moderado enquanto que o sexo feminino apresenta uma correlação negativa e fraca.

Esta diferença na força da correlação vai de encontro com as ideias apresentadas no trabalho de 2005 de Etizoni e Bars, no qual estes afirmam que os homens homossexuais têm maior tendência a ter valores mais baixos de “à Vontade em Relação à Sexualidade” que as mulheres.

Segundo os mesmos autores, isto acontece por causa da maior fluidez permitida socialmente às mulheres no que à Orientação Sexual diz respeito. Sim, em termos sociais o sexo masculino é educado a procurar mais relações sexuais que o sexo feminino, mas também são educados para pensar que, o certo é o procurarem com uma mulher. No caso das mulheres, socialmente são educadas a procurar menos sexo e comportamentos sexuais, mas é mais aceite quando estas os procuram com tendências mais homolíticas.

Buss (2010) por sua vez atribui esta dualidade de critérios à imagem de agressividade e machismo que os sujeitos do sexo masculino são induzidos a criar em si próprios perante a sociedade.

Assim, numa análise destes resultados pode-se afirmar que apesar de uma aparente evolução na opinião social em relação aos hábitos e estilos de vida homossexuais, muitos sujeitos que os seguem ainda não se sentem à vontade com a sua orientação sexual.

Se tivermos em consideração as ideias de Hatutale, podemos teorizar que a maior aceitação não significa em si um menor julgamento ou categorização segundo a orientação Sexual. Assim, numa visão própria da minha parte perante este tema, baseando-me nas informações recolhidas para esta tese, acho que a única maneira de combater este pouco à Vontade em relação à própria sexualidade os sujeitos homossexuais são não só criar um clima de aceitação perante a homossexualidade, mas também de humanização, compreensão e igualdade desses mesmos sujeitos em relação a indivíduos menos capazes de os aceitar.

Por fim, para analisar todas as hipóteses apresentadas nesta tese, há que analisar a tabela 8.

Nesta tabela foi realizado um teste multivariado para descobrir se existiam diferenças estatisticamente significativas entre os sexos, para a Procura de Sensações Sexuais e para a Opinião em Relação à Sexualidade.

Nos resultados desta tabela é visível que as médias para ambas as variáveis hipotetizadas o sexo masculino apresenta valores de média superiores ao sexo feminino, mas, apesar disso, nenhum destes valores é significativo.

Estatisticamente isto significa que apesar de o sexo masculino ter médias superiores ao sexo feminino em ambas as variáveis, nenhuma destas diferenças pode ser considerada representativa de uma diferença real na população geral.

Assim, os resultados verificam, em parte as ideias de Baumeister e Twenge (2002) em relação à Opinião Em Relação à Sexualidade. Este afirma que visto que o sexo masculino é socialmente educado para aceitar que o sexo tem de ser algo normal na sua via e que ele tem de procurar, a sua opinião em relação à sexualidade vai apresentar resultados mais elevados no teste utilizado.

Apesar disso, os resultados desta tese não são significativos que eu só posso deduzir que seriam na ideia dos autores.

O mesmo acontece com os resultados da Procura de Sensações Sexuais e as teorias de Etzioni e Baris, mostrando os resultados que o sexo masculino procura mais sensações sexuais que o sexo feminino, mas sem diferenças significativas.

É importante ainda referir que nesta tabela a única diferença estatisticamente significativa existe nas médias entre os sexos masculino e feminino para a variável Busca de Experiências, a qual apresenta uma média superior para o sexo feminino comparativamente com o sexo masculino.

Esta variável é também a única que apresenta um efeito significativo, com um valor moderado de η^2 de ,046.

Zuckerman, o criador do teste utilizado nesta tese para medir a Procura de Sensações, não afirma que seja teoricamente previsível que existam diferenças estatisticamente significativas entre sexos para a Busca de Experiências.

Concluindo duas das hipóteses inicialmente apresentadas foram confirmadas e outras duas foram negadas.

As hipóteses 1 e 4 foram rejeitadas, mostrando que as conclusões reiteradas pelos investigadores nos seus estudos ainda têm espaço para exploração e investigação para compreensão das variáveis e da sua relação entre si.

As 2 e 3 foram confirmadas, mostrando que as conclusões reiteradas pelos estudiosos das áreas estão a ter o seu trabalho confirmado e por isso os trabalhos feitos com os seus pressupostos teóricos estão a ser criados com bases cientificamente viáveis.

Depois da análise de todas as hipóteses pode-se afirmar que as variáveis que melhor preveem a Procura de Sensações Sexuais são a Opinião em Relação à Sexualidade e a Agressividade, enquanto que outras variáveis como a Ansiedade Sexual, a Orientação Sexual, e a Procura de Sensações (não limitadas sexualmente), são também muito influentes da mesma.

Torna-se assim possível que essas variáveis sejam preditoras se inseridas em estudos e modelos com outras variáveis que não foram inseridas nesta tese.

Conclusão

Numa análise final à realização desta tese, pode-se afirmar que o seu objectivo foi atingido, estudar quais os factores psicológicos individuais de cada sujeito que mais influenciam e melhor prevêm o nível de Procura de Sensações Sexuais.

O tema da sexualidade e da relação do Humano com o mesmo é um tema cada mais explorado, com a liberalização e “abertura” da população a participar e aceitar estes estudos científicos como importantes e necessários para a compreensão completa do Ser Humano como espécie e individuo.

Ao avaliar todo o processo de realização deste estudo, foram encontradas algumas dificuldades que acho merecem ser referidas para quaisquer futuras replicações.

Uma das principais dificuldades neste estudo foi a recolha de amostra. Visto que o tema desta tese se foca tanto em assuntos considerados “tabu” pela nossa sociedade, alguns participantes sentiram-se constrangidos durante o preenchimento do questionário, sendo que até muitos se recusaram sequer a responder a um questionário que explorasse tal tema.

Uma forma de contornar essa dificuldade pode ser, a não inclusão de tantas variáveis de cariz sexual, ou pelo menos incluir um maior número de variáveis de outra Natureza, para disfarçar o verdadeiro objectivo do estudo.

Uma outra grande dificuldade nesta investigação foi a utilização de demasiadas variáveis. Ao escolher este número tão elevado de variáveis, tentei explorar ao máximo qualquer relação de constructos psíquicos que pudessem influenciar a procura de sensações sexuais.

Apesar disso, mais tarde, e durante a análise dos resultados, nota-se uma grande correlação e variedade de resultados que podem ser explorados. Isto implica que muitas das possíveis análises a retirar deste tipo de investigação poderão ser exploradas em futuros estudos mais específicos sobre o tema.

Posto isto, mais um conselho para qualquer tentativa de replicação, é a diminuição do número de variáveis recolhidas no questionário.

Por fim, a maior dificuldade deste estudo foi a recolha de informação e base teórica que fundamente a análise dos resultados. Com a inúmera quantidade de variáveis e possíveis resultados, tal como o baixo nível de exploração deste tema na comunidade científica (pelo menos direccionado para a procura de sensações sexuais), torna-se mais difícil encontrar fontes de informação científica, dignas de se replicar e usar como exemplo e referencia num trabalho

científico. Isto cria a necessidade de uma maior recolha de informação e autoanálise da mesma, para que a discussão de resultados tenha fundamento teórico para ser válida.

Em relação aos testes utilizados, acho que o teste da Ansiedade Sexual é demasiado extenso, o que apresentou muitas queixas por parte dos participantes, em relação à demora do seu preenchimento. O outro teste ao qual eu apresento algumas críticas é o teste de Procura de Sensações Sexuais. Na minha opinião este teste não explora o constructo da maneira mais correta, fazendo-o através de uma avaliação demasiado simplificada.

Um constructo como a Procura de Sensações Sexuais é um comportamento evolutivo humano muito complexo, podendo serem exploradas áreas como a procura do acto sexual, a sedução ou até a masturbação e este teste não permite a distinção de qualquer um destes comportamentos. Uma modificação na construção deste teste vai permitir uma maior interpretação do constructo mais analisado nesta tese.

Acho ainda interessante referir que este estudo “abre as portas” a futuras investigações baseadas neste tema. A mais interessante na minha perspectiva é a compreensão e como a Procura de Sensações sexuais é influenciada pela nossa identidade sexual individual e social. O que permitira uma maior compreensão da relação da espécie humana com a sua sexualidade.

Para além disso, tal como referido na discussão, apesar e as hipóteses 1 e 4 terem sido rejeitadas, os dados recolhidos e analisados segundo as suas bases teóricas permitem estudos futuros com diferentes pontos de vista sobre as mesmas variáveis sexuais.

A abrangência extensa de futuras investigações baseadas nestes resultados é ilimitada e pode ainda ajudar a desenvolver métodos de tratamento para patologias e comportamentos sexuais desviantes, pois ao saber qual a origem desses mesmos comportamentos, torna-se mais fácil contrariá-los.

Na área da Psicologia Forense, esta dissertação pode servir para desenvolver os estudos sobre temas como a agressividade sexual, os comportamentos sexuais criminosos e a forma como os sujeitos lidam com esses mesmos assuntos. A exploração da origem das patologias sexuais criminosas vai ajudar os psicólogos forenses a integrar os sujeitos com mais facilidade e a compreender se estes têm mais ou menos facilidade de recaída em comportamentos disruptivos.

Na área da Neuropsicologia, o estudo dos comportamentos instintivos vs racionalidade na sexualidade ganha muita relevância no entendimento da relação entre comportamento hormonal, comportamento neuronal e comportamento psíquico. Permitindo

assim aos neuropsicólogos explorarem outras áreas de origem em problemas sexuais neuronais.

Também na replicação ou desenvolvimento de outros estudos com estas variáveis há que ter em atenção o tamanho e diversidade da variável. Por causa da dificuldade em encontrar participantes para este tipo de assunto, tornou-se difícil neste estudo criar uma amostra do tamanho e significância desejada, mas amostras maiores são aconselhadas em estudos tão complexos como este.

Referências Bibliográficas

- Abreu J. (2008) *Introdução à Psicopatologia Compreensiva* (6ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Almeida L. (2011) *A Educação dos Genes*. Gradiva, Lisboa.
- Aluja A & Torrubia R. (2004) Hostility-aggressiveness, sensation seeking, and sex hormones in men: re-exploring their relationship, *Neuropsychobiology*. Volume 1, págs. 102 – 107
- American Psychological Association (2011) The Guidelines for Psychological Practice with Lesbian, Gay, and Bisexual Clients, American Psychological Association, EUA
- Archer J. (2004) Sex Differences in Aggression in Real-World Settings: A Meta-Analytic Review, *Review of General Psychology*, Volume 8, Nº 4, Págs 291 – 322; DOI: 10.1037/1089-2680.8.4.291
- Ariely D. & Loewenstein G. (2006) The Heat of the Moment: The Effect of Sexual Arousal on Sexual Decision Making. *Journal of Behavioral Decision Making*, págs 87-98 DOI: 10.1002/bdm.501
- Autiquet, M. (2003), *A Psicanálise* (1ª edição) Instituto Piaget, Lisboa.
- Baumeister F. R. & Twenge J. M. (2002) Cultural Suppression of Female Sexuality, *Review of General Psychology*, Volume: 6, Número: 2, págs 166 – 203
- Braunstein, J. & Pewzner, E. (2003) *História da Psicologia*. Instituto Piaget, Lisboa.
- Brennan J. F. (2003) *History and Systems of Psychology* (6ª edição). Pearson Education, Londres
- Buchwald P. (2006) *Stress and Anxiety: Application to Health, Work Place, Community and Education* (1ª edição), Cambridge Scholars Press, Newcastle, Reino Unido
- Buss D. M. (2010) *Evolutionary Psychology: The New Science of The Mind* (3ª edição) Pearson Education Inc, Boston, EUA
- Campbell, R. J. (2009). *Dicionário de Psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed. Coulter A. (2007) *Sexual Sensation Seeking and Self-Efficacy's Relationship to Sexual Risky Taking*

- Behavior*, Tese para a obtenção do grau de mestre em Psicologia e Aconselhamento, The Faculty Humboldt State University
- Cunha O. & Gonçalves R. (2012) Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry, *Laboratório de Psicologia*, Volume 10, Número 1, págs 3-17
- Damásio A. (2010) *O Livro da Consciência: A Construção do Cérebro Consciente* (1ª edição) Círculo de Leitores, Lisboa
- Darwin C. (2012) *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais* (2ª edição) Relógio D'Água Editores, Lisboa
- Denson T. F. , DeWall D. N. & Finkel E. J. (2012) Self-Control and Agression, *Association for Psychological Science*, Volume: 21, Número: 1, págs 20-25.
- Domjan, M. (2010) *The Principles of Learning and Behaviour* (6ª edição). Wadsworth CENGAGE learning, EUA
- Donohew L.; Zimmerman R.; Cuppa P. S.; Novak S.; Colonc S & Abell R. (2000) Sensation seeking, impulsive decision-making, and risky sex: implications for risk-taking and design of interventions, *Pergamon*, Volume 28, págs 1079 – 1091
- Etizoni A. & Baris M. (2005) A Communitarian Perspective on Sex and Sexuality, *International Review of Sociology*, Volume: 15, Nº: 2, págs 215 - 241
- Feeney, J. A., Peterson, C., Gallois, C., & Terry, D. J. (2000). Attachment style as a predictor of sexual attitudes and behavior in late adolescence. *Psychology and Health*, Volume: 14, págs 1105-1122.
- Fisher T.; Davis C.; Yarber W.; & Davis S. (2010) *Handboof of Sexuality-Related Mesuares* (3ª edição) Routledge, Nova Iorque, EUA
- Flanders C. Arakawa D. R. & Cardozo (2013) Positive Implications for Sexual Sensation Seeking: An Exploratory Study, *Electronic Journal of Human Sexuality*, Volume 16, Hawaii, EUA
- Gaither G. A. & Sellbom M. (2003) The Sexual Sensation Seeking Scale: Reliability and Validity Within a Heterosexual College Student Sample, *Journal of Personality Assessment*, Volume 81, Número 2, págs 157-167

- Gola M., Miyakoshi M., Secousse G. (2015) Sex: Impulsivity and Anxiety: Interplay between Ventral Striatum and Amygdala Reactivity in Sexual Behaviors, *The Journal of Neuroscience*, Volume: 35, Número: 46.
- Gullete D. L. & Lyons M. A. (2005) Sexual Sensation Seeking, Compulsivity, and HIV Risk Behaviors in College Students, *Journal of Community Health Nursing*, Volume: 22, Número: 1, Págs 47-60
- Hamilton C. (2004) Sexual Desire: Some Philosophical Reflections, *Richmond Journal of Philosophy*, Volume: 7
- Hartfield M.; Keightley P. D. (2012) Current hypotheses for the evolution of sex and recombination. *Blackwell Publishing*, Volume: 2, págs 192 – 209. DOI: 10.1111/j.1749-4877.2012.00284.x
- Hassan N. R. (2014) *Predicting Sexual Sensation Seeking: The Third Variable Effect Of Time Spent On The Internet*, Tese para a obtenção do grau de mestre em Psicologia, Faculty of Arts and Social Sciences at Stellenbosch University
- Hatutale S.; Isaacs O.; Kuskokosha R.; Oosthuizen N.; Shiimi K.; Teega J. & Steinitz L. Y. (2007) The Role of Culture and Sexuality Practices Among Youth, *Future Leaders Summit*
- Heodn F. (2003) Anxiety and erectile dysfunction: a global approach to ED enhances results and quality of life. *International Journal of Impotence Research*, Volume: 15, Número: 2, DOI:10.1038/sj.ijir.3900994
- Hunsley J. & Lee C. M. (2010), *Introduction to Clinical Psychology*. Wiley, Massachusetts.
- Janda L. & O'Grady K. (1980) Development of Sex Anxiety Inventory, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, Volume: 48, Número: 2, págs 169-175 DOI: 10.1037/0022-006X.48.2.169
- Jigin F. (2002) Freud: Conflitc and Culture

- Loas G.; Verrier A.; Flament M. F.; Perez-Diaz F.; Corcos M.; Halfon O.; Lang F.; Bizouard P.; Venisse J.L.; Guelfi J.D. & Jeammet P. (2001) Factorial structure of the Sensation-Seeking Scale-Form V: confirmatory factorial analyses in nonclinical and clinical samples. *Canadian Journal of Psychiatry*, Volume 9, Págs. 850 – 855
- Lorenz K. (2001) *A Agressão: Uma História Natural do Mal*. Relógio D'Água Editores, Lisboa
- Mithcel M, Howarth C., Kotecha M & Creegan C (2008) *Sexual orientation research review 2008*, National Center for Social Research
- Netto N. & Cardozo M. (2012) *Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise?* Psicologia em Estudo, Volume: 17, Nº: 3 DOI: 10.1590/S141373722012000300018
- Patterson D. G. & O'Gorman E. C. (1989) Sexual anxiety in sexual dysfunction, *The British Journal of Psychiatry*, Volume: 155, Número: 3, págs 374 – 378. DOI: 10.1192/bjp.155.3.374
- Pietromonaco P. R. & Barrett L. F. (2000) The Internal Working Models Concept: What Do We Really Know About the Self in Relation to Others?, *Review of General Psychology*, Volume 4, Número 2, págs 155-175 DOI: 10.1037/111089-2680.4.2.155
- Ramrakha S.; Paul C.; Bell M.; Dickson N.; Moffitt T. E. & Caspi A. (2012) *The Relationship Between Multiple Sex Partners and Anxiety, Depression, and Substance Dependence Disorders: A Cohort Study*, Springer: Science + Business Media, nova Iorque; DOI 10.1007/s10508-012-0053-1
- Reich W. (1974) *The Sexual Revolution: Toward a Self Regulation Character Structure* (1ª edição) Collins Publishers, Toronto, EUA
- Roberti J. W. (2004) A review of behavioral and biological correlates of sensation seeking, *Journal of Research in Personality*, Volume 38, págs 256 – 279
- Scharfetter C. (2005) *Introdução à Psicopatologia Geral* (3ª edição). Climpesi Editores, Lisboa.
- Schweitzer J. J. (2011) *Sensation seeking, message sensation value and sexual risk taking: Implications for teen pregnancy prevention campaigns*, Tese de Mestrado para a obtenção do grau de mestre em Jornalismo e Comunicação, Iowa State University

- Siksou, M. (2008). *Introdução à neuropsicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Smith D. & Stewart S. (2003) *Sexual Agression and Sports Participation*, EBSCO Publishing
- Spadone, C. (1998) *A doença Mental: Pesquisas e Teorias* (1ª edição) Instituto Piage, Lisboa.
- Spadone, C. (2007). *A Doença Mental*. Lisboa : Instituto Piaget.
- Stewart D., Mac Griffin G. (1975) Factor Analusis of Zuckerman's Sensation Scale
Psychological Reports Volume 37, pg. 849-850 DOI:10.2466/pr0.1975.37.3.84
- Strelau J. (2010) Zuckerman's sensation-seeking theory: A view from Eastern Europe,
Behavioral and Brain Sciences, Volume 7 , N° 03, págs 451- 452
- Teva I.; Bermúdez M. P.; Buela-Casal G. (2014) Sexual Sensation Seeking, Social Stress, and
Coping Styles as Predictors of HIV/STD Risk Behaviors in Adolescents, *SAGE
Journals*
- Toates F. (2014) *How Sexual Desire Works* (1ª edição) Cambrige University Press, Londres,
Reino Unido
- Ubillos S., Paez D. & González J. G. (2000) Culture and sexual behavior, *Psicothema*,
Voluma 12, págs 70-82
- Voisin D. R.; King K.; Schneider J.; DiClemente R. J. & Tan K. (2012) Sexual Sensation
Seeking, Drug Use and Risky Sex among Detained Youth, *AIDS & Clinical Research*,
DOI:10.4172/2155-6113.S1-107
- Warnick I, Chase E, & Aggleton P. (2004) *Homophobia, Sexual Orientation and Schools: a
Review and Implications for Action*, Thomas Coram Research Unit Institute of
Education, University of London
- Westbrook D., Kennerly H. & Kirk J. (2011) *An Introduction to Cognitive Behaviour
Therapy: SKills Applications*. (2ª edição). SAGE publicações, Londres.
- Williams M. (2008) Homosexuality Anxiety: A Misunderstood Form of OCD. *Leading-Edge
Health Education Issues*, págs 195 - 205
- World Health organization (2006) *Defining sexual health; Report of a technical consultation
on sexual health*, World Health Organization, Geneva

- Wright J. D., Cogan R. & Taylor N. (2012) Sexual and Physical Aggression Involve Different Relationship Dynamics, *Journal of Student Research*, Volume: 1, Número: 3, págs 26 - 27
- Zenter M. & Shiner R. L. (2012) *Handbook of Temperament*, The Guildford Press, Nova Iorque, EUA
- Zuckerman, M. (1979). *Sensation seeking: Beyond the Optimal level of arousal*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Zuckerman M. (1994) *Behavioral Expressions and Biosocial Bases of Sensation Seeking* (1ª edição) Cambridge University Press, Nova Iorque

Anexos

ANEXO I: Questionário de Dados Demográficos

Caro Senhor(a)

Vimos pedir a sua colaboração num estudo com o objectivo de ser utilizado numa tese de mestrado sobre a procura de sensações. Todos os dados serão utilizados apenas para análise estatística do referido sendo garantido o anonimato e a confidencialidade das suas respostas. Qualquer dúvida em relação às questões que lhe serão colocadas deve ser apresentada ao investigador que está a realizar a investigação, através do e-mail diogolgr@gmail.com.

Sexo:

Masculino ☐ **Feminino** ☐

Idade. _____ **anos**

Estado Civil:

Solteiro/a ☐ **Casado/a** ☐ **Divorciado/a** ☐ **Viúvo/a** ☐

Religião:

Católico/a ☐ **Agnóstico/a** ☐ **Católico/a** ☐ **Budista** ☐ **Protestante** ☐

Outra: _____

Relativamente à sua orientação sexual, considera-se:

(Seleccione apenas uma opção)

- ☐ 0 - Exclusivamente heterossexual
- ☐ 1 - Predominantemente heterossexual, raramente homossexual
- ☐ 2 - Predominantemente heterossexual, ocasionalmente homossexual
- ☐ 3 - Igualmente heterossexual e homossexual
- ☐ 4 - Predominantemente homossexual, ocasionalmente heterossexual
- ☐ 5 - Predominantemente homossexual, raramente heterossexual
- ☐ 6 - Exclusivamente homossexual

Numa escala de 0 a 10, quão à vontade se sente em relação à sua orientação sexual?

(0 - Nada à vontade, 5 - Nem pouco nem muito á vontade, 10 - Completamente à vontade)

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada à Vontade	☐	☒	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Completamente à Vontade

Numa escala de 0 a 10, quão à vontade se sente em relação aos seus hábitos sexuais?

(0 - Nada à vontade, 5 - Nem pouco nem muito à vontade, 10 - Completamente à vontade)

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada à Vontade	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Completamente à Vontade

Numa escala de 0 a 10, quão à vontade se sente em relação ao tema da sexualidade em geral?

(0 - Nada à vontade, 5 - Nem pouco nem muito à vontade, 10 - Completamente à vontade)

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada à Vontade	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Completamente à Vontade

ANEXO II: Escala de Procura de Sensações – V

SSS (Zuckerman, 1964)

Este teste é composto por uma série de 40 itens e cada item consta de duas afirmações (A e B). Para cada item assinale, qual das duas frases (A ou B) melhor descreve as suas preferências ou sentimentos. Nalguns casos pode pensar que ambas as alternativas podem servir para descrever os seus gostos ou sentimentos. Contudo, escolha a frase que o melhor define. Noutros casos, vai encontrar duas alternativas que não o(a) satisfazem. Escolha, mesmo assim, a menos má. Não deixe nenhum item em branco. É importante responder a todos os itens com uma só escolha, A ou B. Só estamos interessados nas suas preferências ou sentimentos, não em saber o que os outros pensam dessas actividades e se é correcto ou não. Neste teste não há respostas correctas ou erradas. Seja franco(a) e tente fazer uma avaliação honesta de si próprio.

1.
 - ☐ A. Gosto de festas “loucas” e desinibidas.
 - ☐ B. Prefiro festas sossegadas, com uma boa conversa.
2.
 - ☐ A. Há certos filmes que gosto de ver duas ou três vezes.
 - ☐ B. Não tenho paciência para ver um filme que já tenha visto antes.
3.
 - ☐ A. Penso com frequência que gostaria de ser alpinista.
 - ☐ B. Não consigo compreender pessoas que arriscam a vida para escalar montanhas.
4.
 - ☐ A. Não gosto de nenhum cheiro corporal.
 - ☐ B. Gosto de alguns cheiros do corpo humano.
5.
 - ☐ A. Fico farto de ver sempre as mesmas caras.
 - ☐ B. Gosto da confortável familiaridade dos amigos do dia-a-dia.
6.
 - ☐ A. Gosto de explorar, sózinho(a), uma cidade estranha, ou uma parte da cidade, mesmo correndo o risco de me perder.
 - ☐ B. Prefiro ter alguém para me guiar, quando estou num sítio que não conheço bem.

- 7.
- ☐ A. Não gosto de pessoas que fazem ou dizem coisas só para chocar ou aborrecer os outros.
 - ☐ B. Uma pessoa em que quase sempre podemos prever o que vai fazer ou dizer tem que ser um(a) chato(a).
- 8.
- ☐ A. Normalmente, não gosto de um filme ou peça de teatro em que posso prever o que se irá passar.
 - ☐ B. Não me importo de ver um filme ou peça de teatro em que posso adivinhar o que vai acontecer a seguir.
- 9.
- ☐ A. Já experimentei haxixe (erva) ou gostaria de o fazer.
 - ☐ B. Nunca seria capaz de fumar haxixe.
- 10.
- ☐ A. Não gostaria de experimentar nenhum tipo de substâncias que me possa produzir efeitos estranhos ou perigosos.
 - ☐ B. Gostaria de experimentar alguma das novas substâncias que provocam alucinações.
- 11.
- ☐ A. Uma pessoa sensata evita actividades perigosas.
 - ☐ B. Por vezes, gosto de fazer coisas um pouco assustadoras.
- 12.
- ☐ A. Não gosto de libertinos (pessoas com uma grande liberdade sexual).
 - ☐ B. Gosto da companhia de verdadeiros libertinos.
- 13.
- ☐ A. Acho que os estimulantes me dão uma sensação de desconforto.
 - ☐ B. Gosto de ficar com “pedalada” (beber ou fumar haxixe).
- 14.
- ☐ A. Gosto de experimentar comidas novas que nunca tenha provado.
 - ☐ B. Costumo pedir os pratos que já conheço, para evitar desilusões e surpresas desagradáveis.

- 15.
- ☐ A. Gosto de ver filmes domésticos ou slides de férias.
 - ☐ B. Ver filmes domésticos ou slides de férias, chateia-me bastante.
- 16.
- ☐ A. Gostaria de praticar esqui aquático.
 - ☐ B. Não gostaria de praticar esqui aquático.
- 17.
- ☐ A. Gostaria de praticar surf.
 - ☐ B. Não gostaria de praticar surf.
- 18.
- ☐ A. Gostaria de poder fazer uma viagem sem destino, nem horários definidos.
 - ☐ B. Quando viajo, gosto de planejar o percurso e as horas com algum cuidado.
- 19.
- ☐ A. Gosto de amigos “com os pés assentes na terra”.
 - ☐ B. Gosto de ter amigos excêntricos, como artistas ou “punks”.
- 20.
- ☐ A. Não gostaria de aprender a pilotar um avião.
 - ☐ B. Gostaria de aprender a pilotar um avião.
- 21.
- ☐ A. Prefiro a superfície da água às profundezas.
 - ☐ B. Gostaria de praticar mergulho subaquático.
- 22.
- ☐ A. Gostaria de conhecer pessoas que são homossexuais (homens ou mulheres).
 - ☐ B. Afasto-me de pessoas que suspeito serem homossexuais.
- 23.
- ☐ A. Gostaria de experimentar saltar de pára-quedas.
 - ☐ B. Nunca gostaria de saltar dum avião.

- 24.
- ☐ A. Prefiro amigos que sejam excitantemente imprevisíveis.
 - ☐ B. Prefiro amigos de confiança, previsíveis.
- 25.
- ☐ A. Não estou interessado em experimentar só por experimentar.
 - ☐ B. Gosto de experiências e sensações novas e excitantes, mesmo que sejam um pouco assustadoras, estranhas ou mesmo ilegais.
- 26.
- ☐ A. A essência da boa arte está na clareza, simetria das formas e harmonia das cores.
 - ☐ B. Eu costumo encontrar beleza nas cores contrastantes e nas formas irregulares da pintura moderna.
- 27.
- ☐ A. Gosto de passar tempo nos arredores familiares de minha casa.
 - ☐ B. Fico muito irrequieto se tiver que ficar perto de casa, durante muito tempo.
- 28.
- ☐ A. Gosto de saltar de pranchas altas.
 - ☐ B. Não gosto da sensação de estar em pranchas altas (ou nem sequer me aproximo).
- 29.
- ☐ A. Gosto de sair com pessoas do sexo oposto que sejam fisicamente excitantes.
 - ☐ B. Gosto de sair com pessoas do sexo oposto que partilhem os meus valores.
- 30.
- ☐ A. Bebida em excesso geralmente estraga as festas porque algumas pessoas ficam barulhentas e provocadoras.
 - ☐ B. Muita bebida é a chave do sucesso de uma festa.
- 31.
- ☐ A. O pior defeito social é ser bruto.
 - ☐ B. O pior defeito social é ser chato.

- 32.
- ☐ A. Uma pessoa deve ter uma razoável experiência sexual antes do casamento.
 - ☐ B. É preferível um casal começar a sua experiência sexual em conjunto.
- 33.
- ☐ A. Mesmo se tivesse dinheiro não teria interesse em associar-me a pessoas ricas e frívolas como as do “Jet-Set”.
 - ☐ B. Consigo imaginar-me numa vida de prazer pelo mundo fora com o “Jet-Set”.
- 34.
- ☐ A. Gosto de pessoas perspicazes e espertas, mesmo que por vezes, magoem outras pessoas.
 - ☐ B. Não gosto de pessoas que se divertem à custa de magoar os sentimentos dos outros.
- 35.
- ☐ A. No geral há demasiadas cenas de sexo nos filmes.
 - ☐ B. Gosto de ver muitas das cenas de sexo no cinema.
- 36.
- ☐ A. Sinto-me melhor depois de ter bebido uns copos.
 - ☐ B. Algo está errado nas pessoas que têm de beber álcool para se sentirem bem.
- 37.
- ☐ A. As pessoas deviam vestir-se de acordo com os padrões de bom gosto, estilo e perfeição.
 - ☐ B. As pessoas devem vestir-se como entenderem mesmo que o resultado, por vezes, seja esquisito.
- 38.
- ☐ A. Fazer longas viagens em barcos à vela pequenos é estupidez.
 - ☐ B. Gostaria de fazer uma viagem grande num barco à vela pequeno, desde que navegasse bem.

39.

- ☐ A. Não tenho paciência para pessoas chatas e aborrecedoras.
- ☐ B. Costumo encontrar coisas interessantes em quase todas as pessoas com quem falo.

40.

- ☐ A. Descer uma encosta íngreme de esquis é uma boa maneira de acabar de muletas.
- ☐ B. Penso que gostaria da sensação de descer muito depressa uma encosta de esquis.

ANEXO III: Questionário de Agressividade

AQ (Buss & Perry, 1992)

Em baixo vai encontrar uma lista de afirmações. Em relação a cada uma delas, indique qual a resposta que melhor se adapta a si. Para responder, utilize as seguintes opções:

1 – Nunca ou quase Nunca ; 2 – poucas Vezes 3 – Algumas Vezes; 4 – muitas Vezes 5 Sempre ou Quase Sempre.

	1	2	3	4	5
1 De vez em quando não consigo controlar a necessidade de bater noutra pessoa	☐	☐	☐	☐	☐
2 Quando não estou de acordo com os meus amigos, digo-lhes abertamente	☐	☐	☐	☐	☐
3 Exalto-me facilmente, mas recupero rapidamente	☐	☐	☐	☐	☐
4 De vez em quando tenho muita inveja dos outros	☐	☐	☐	☐	☐
5 Se me provocarem bastante, posso bater noutra pessoa	☐	☐	☐	☐	☐
6 Muitas vezes entro em desacordo com as pessoas	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5
7 Quando fico frustrado, mostro a minha irritação	☐	☒	☐	☐	☐
8 Por vezes sinto que a vida não me dá o suficiente	☐	☐	☐	☐	☐
9 Se alguém me bate, respondo da mesma forma	☐	☐	☐	☐	☐
10 Quando as pessoas me aborrecem, chego a dizer-lhes o que penso delas	☐	☐	☐	☐	☐
11 Por vezes sinto-me um barril de pólvora pronto a explodir	☐	☐	☐	☐	☐
12 As outras pessoas parecem ter sempre as melhores oportunidades	☐	☐	☐	☐	☐
13 Costumo entrar em brigas mais vezes que a maioria das pessoas	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5
14 Não consigo deixar de discutir quando as pessoas discordam de mim	☐	☐	☐	☐	☐
15 Sou uma pessoa extremamente calma	☐	☐	☐	☐	☐
16 Pergunto-me porque às vezes me sinto tão amargo com as coisas	☐	☐	☐	☐	☐
17 Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos, faço-o	☐	☐	☐	☐	☐
18 Os meus amigos dizem que gosto de discutir	☐	☐	☐	☐	☐
19 Às vezes perco o controle sem razão especial	☐	☐	☐	☐	☐
20 Sei que “amigos” falam nas minhas costas	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5
22 Alguns dos meus amigos pensam que sou quezilhento	☒	☐	☐	☐	☐
23 Fico desconfiado de estranhos muito amáveis	☐	☐	☐	☐	☐
24 Não consigo encontrar nenhuma boa razão para bater em alguém	☐	☐	☐	☐	☐
25 Tenho dificuldades em controlar o meu feitio	☐	☐	☐	☐	☐
26 Por vezes sinto que as pessoas se riem nas minhas costas	☐	☐	☐	☐	☐
27 Já ameacei pessoas que conheço	☐	☐	☐	☐	☐
28 Quando os outros são especialmente amáveis, pergunto-me o que quererão	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5
29 Já fiquei tão zangado que parti coisas	☐	☐	☐	☐	☐

ANEXO IV: Questionário de Opinião Sexual

SOS (Fisher, 1983)

Da lista de afirmações abaixo, indique qual a sua opinião em relação a cada uma.

1 – Concordo Fortemente; 4 - Não concordo nem Discordo; 7 - Discordo Fortemente

1 - Quase todo o material pornográfico é nojento

1 2 3 4 5 6 7

Concordo Fortemente ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Discordo Fortemente

2 - A masturbação pode ser uma experiência excitante

1 2 3 4 5 6 7

Concordo Fortemente ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Discordo Fortemente

3 - Seria emocionalmente perturbador ver um exibicionista despir-se em público

1 2 3 4 5 6 7

Concordo Fortemente ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Discordo Fortemente

4 - Pensar que me posso envolver em práticas sexuais invulgares é muito excitante

1 2 3 4 5 6 7

Concordo Fortemente ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Discordo Fortemente

5 - A ideia de ter relações sexuais a longo prazo com mais do que um parceiro(a) não me desagrada

1 2 3 4 5 6 7

Concordo Fortemente ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Discordo Fortemente

ANEXO V: Índice de Desejo Sexual de Hurlbert

HISD (Hurlbert, 1992)

No seguinte questionário são apresentadas várias afirmações sobre atitudes em relação ao sexo. Para cada uma por favor escolha a opção que melhor descreve como se sente. Não há respostas certas nem erradas. Por favor responda com a maior veracidade possível e sem pensar demasiado.

0 – Sempre; 1 – A Maioria das vezes; 2 – Algumas Vezes 3 - nunca

*

	0	1	2	3
1. O simples pensamento em sexo com o meu parceiro excita-me.	☐	☐	☐	☐
2. Tento evitar situações que encorajem o meu parceiro a querer ter sexo.	☐	☐	☐	☐
3. Penso em sexo durante o dia	☐	☐	☐	☐
4. É-me difícil sentir disponível para ter sexo	☐	☐	☐	☐
5. Eu desejo mais o sexo que o/a meu/minha parceiro/a	☐	☐	☐	☐
6. É-me difícil ter fantasias sobre temas sexuais	☐	☐	☐	☐
7. Eu anseio por ter sexo com o/a meu/minha parceiro/a	☐	☐	☐	☐
8. Tenho um grande apetite por sexo	☐	☐	☐	☐

	0	1	2	3
9. Gosto de utilizar as minhas fantasias sexuais durante o sexo com o/a meu/minha parceiro/a	☐	☐	☐	☐
10. É-me fácil sentir vontade de ter sexo	☐	☐	☐	☐
11. O meu desejo sexual devia ser mais forte	☐	☐	☐	☐
12. Gosto de pensar sobre sexo	☐	☐	☐	☐
13. Eu desejo ter sexo	☐	☐	☐	☐
14. É-me fácil passar semanas sem ter sexo com o/a meu/minha parceiro/a	☐	☐	☐	☐
15. A minha motivação para ter sexo com o/a meu/minha parceiro/a é baixa	☐	☐	☐	☐
16. Sinto que quero ter sexo menos que as outras pessoas	☐	☐	☐	☐
17. É-me fácil criar fantasias sexuais na minha mente	☐	☐	☐	☐
18. Tenho um impulso forte para ter sexo	☐	☐	☐	☐
19. Gosto de pensar em ter sexo com o/a meu/minha parceiro/a	☐	☐	☐	☐

20. O meu desejo

	0	1	2	3
para ter sexo com o/a meu/minha parceiro/a é forte	☐	☐	☐	☐
21. Sinto que o sexo não é uma parte importante na relação com o/a meu/minha parceiro/a	☐	☐	☐	☐
22. Sinto que a minha energia para ter sexo com o/a meu/minha parceiro/a é demasiado baixa	☐	☐	☐	☒
23. Sinto que o meu desejo para ter sexo com o/a meu/minha parceiro/a é forte	☐	☐	☐	☐
24. Falta-me o desejo necessário para procurar sexo com o/a meu/minha parceiro/a.	☐	☐	☒	☐
25. Tento evitar ter sexo com o/a meu/minha parceiro/a	☐	☒	☐	☐

ANEXO VI: Inventário de Ansiedade Sexual

SAI (Janda & O'Grady, 1980)

No seguinte questionário são apresentadas várias afirmações sobre comportamentos sexuais. Para cada uma por favor escolha a opção que melhor descreve como se sente. Não há respostas certas nem erradas. Por favor responda com a maior veracidade possível e sem pensar demasiado.

1 – Sexo fora do casamento...

- ☐ a. Está certo se toda a gente concordar
- ☐ b. Pode destruir famílias

2 – Sexo...

- ☐ a. Pode causar tanta ansiedade como prazer
- ☐ b. É totalmente bom e prazeroso

3 – Masturbação...

- ☐ a. Faz-me sentir preocupado/a
- ☐ b. Pode ser um bom substituto

4 – Depois de ter pensamentos sexuais...

- ☐ a. Sinto-me excitado/a
- ☐ b. Sinto-me desconfortável

5 – Quando pratico carícias...

- ☐ a. Sinto-me inicialmente assustado
- ☐ b. Sinto bastante prazer

6 – Iniciar relações sexuais...

- ☐ a. É uma experiência muito stressante
- ☐ b. Não me causa qualquer problema ou transtorno

7 – Sexo Oral...

- ☐ a. Iria excitar-me
- ☐ b. Iria assustar-me

8 – Sinto-me nervoso/a...

- ☐ a. Em relação a iniciar relações sexuais
- ☐ b. Com nada em termos de parceiros sexuais

9 – Quando conheço alguém sinto-me...

- ☐ a. Atraído/a pelo facto de conhecer a pessoa
- ☐ b. Nervoso/a

10 – Quando era mais novo/a...

- ☐ a. Mal podia esperar por ter sexo
- ☐ b. Sentia-me nervoso/a em relação a poder ter sexo

11 – Quando alguém “namoriscar” comigo...

- ☐ a. Não sei o que fazer
- ☐ b. Namorisco de volta

12 – Sexo em grupo...

- ☐ a. Iria assustar-me Imenso
- ☐ b. Poderia ser interessante

13 – Se no futuro eu cometesse adultério...

- ☐ a. Provavelmente iria ser apanhado/a
- ☐ b. Não me sentiria mal em relação a isso

14 – Iria...

- ☐ a. Sentir-me demasiado nervoso/a para conseguir contar uma piada sexual na presença de várias pessoas
- ☐ b. Contar uma piada sexual se fosse engraçada

15 – Piadas Sexuais...

- ☐ a. Fazem-me sentir desconfortável
- ☐ b. Fazem-me rir a maior parte das vezes

16 – Quando acordo de sonhos eróticos...

- ☐ a. Sinto-me feliz e relaxado/a
- ☐ b. Sinto-me tenso/a

17 – Quando sinto desejos sexuais...

- ☐ a. Sinto-me preocupado/a em relação ao que fazer
- ☐ b. Faço algo para os satisfazer

18 – Se no futuro cometesse adultério...

- ☐ a. Ninguém teria algo a haver com isso sem ser eu
- ☐ b. Iria preocupar-me se o/a meu/minha companheiro/a descobrissem

19 – Comprar livros pornográficos...

- ☐ a. Não me incomodaria
- ☐ b. Far-me-ia nervoso/a

20 – Sexo Casual...

- ☐ a. É melhor que não ter sexo
- ☐ b. Pode magoar as pessoas envolvidas

21 – Sexo fora do casamento...

- ☐ a. Por vezes é necessário
- ☐ b. Pode destruir uma carreira

22 – Avanços sexuais...

- ☐ a. Deixam-me tenso/a
- ☐ b. São bem-vindos

23 – Quando tenho relações sexuais...

- ☐ a. Sinto-me satisfeito
- ☐ b. Preocupo-me sobre ser descoberto/a

24 – Quando falo sobre sexo na presença de outros...

- ☐ a. Sinto-me nervoso/a
- ☐ b. Sinto-me por vezes excitado/a

25 – Se eu namoriscasse com alguém...

- ☐ a. Preocupar-me-ia sobre a sua reacção
- ☐ b. Iria sentir-me bem

ANEXO VII: Escala de Procura de Sensações Sexuais

SSSS (Zykerman, Eysenck & Eysenck, 1978)

Uma lista de afirmações que várias pessoas disseram de forma a se descreverem a si próprias está apresentada abaixo. Leia cada afirmação e seleccione o número que acredita melhor o/a descrever a si.

1 – Mesmo Nada Como Eu; 2 – Um pouco como Eu, 3 – muito Como Eu 4 – Exactamente como Eu

	1	2	3	4
1. Eu gosto de encontros sexuais selvagens e casuais	☐	☐	☐	☐
2. As sensações físicas são o mais importante quando se tem sexo.	☐	☐	☐	☐
3. Os meus parceiros sexuais provavelmente pensam que sou alguém que gosta de correr riscos.	☐	☐	☐	☐
4. Quando se trata de sexo, a atracção física é mais importante que o meu conhecimento da pessoa.	☐	☐	☐	☐
5. Eu prefiro a companhia de pessoas sensuais	☐	☐	☐	☐
6. Eu gosto de ver filmes classificados como pornográficos.	☐	☐	☐	☐
7. Eu sou interessado/a em novas experiências sexuais.	☐	☐	☐	☐
8. Eu sinto que devo explorar a minha sexualidade.	☐	☐	☐	☐
9. Eu gosto de ter novas e excitantes experiências sexuais.	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4
10. Eu gosto da sensação de ter sexo sem preservativo.	☐	☐	☐	☐